



NOS CAMINHOS DA ESPERA E DO SILÊNCIO

COLETIVO FILA

NOS CAMINHOS DA ESPERA E DO SILÊNCIO

COLETIVO FILA



Às mães que resistem à
violência de Estado

Esta publicação tem autoria das
Mães e familiares na Fila da FASE e Coletivo Fila
Organização e travessias poéticas: Ariane Oliveira
Orientação de pesquisa e criação: Cláudia Vicari Zanatta
Colaboração poética: Gislei Domingas Romanzini
Lazzarotto, Karine Shamash Szuchman e Cecília Suñé Novossat
Projeto gráfico e produção: Amanda Teixeira (Vincó estúdio)
Revisão textual: Laís Webber
Ilustrações: Ariane Oliveira
Editoração: Azulejo Arte Impressa

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO.

N897 Nos caminhos da espera e do silêncio: coletivo fila. / organizado por
Ariane Oliveira -- Porto Alegre: Azulejo Arte Impressa , 2020.

64 p.

ISBN: 978-65-00-12181-0

1. Extensão Universitária 2. Psicologia Social. 3. Medidas socioeducativas. 4. Adolescente em conflito com a lei. 5. Identidade I. Oliveira, Ariane II. Título

CDU 378.4:316.6

CIP-BRASIL. DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO.
(Filipe Xerxeneski da Silveira – Bibliotecário responsável - CRB10/1497)

NOS CAMINHOS DA ESPERA E DO SILÊNCIO

- 11 DIA 1 COLETIVO FILA
- 15 DIA 2 ABRAÇOS
- 16 DIA 3 DEDICATÓRIA
- 18 DIA 4 EFEMERIDADE E GERAÇÕES
- 21 DIA 5 PRIMAVERA NOS DENTES DE LEÃO
- 25 DIA 6 DISTÂNCIAS
- 26 DIA 7 CONTINUIDADE
- 27 DIA 8 FALA BARRADA
- 29 DIA 9 REFLEXÕES SOBRE O TEMPO E O CONHECIMENTO
- 31 DIA 10 DEIXA O MENINO
- 32 DIA 11 NÃO ADIANTOU NADA
- 36 DIA 12 FORA DO TEMPO
- 37 DIA 13 LIMPEZA
- 38 DIA 14 OLHO NO OLHO
- 40 DIA 15 SOL
- 42 DIA 16 O ÔNIBUS E A HERANÇA
- 43 DIA 17 MEU FILHO
- 45 DIA 18 TEMPO MÁXIMO, ESPERA DIFÍCIL
- 46 DIA 19 DEGRADAÇÃO E LUTA
- 47 DIA 20 PAI
- 49 DIA 21 ESPERANÇA
- 52 DIA 22 MATERNAÇÃO
- 53 DIA 23 REVISTA ÍNTIMA (VEXATÓRIA)
- 55 DIA 24 DESAGUAR

- 56 DIA 25 ENVOLVIMENTO
- 58 DIA 26 O MEDO E A ESPERANÇA, COM ROSA OU SEM
- 62 DIA 27 MAR DE FALAR
- 64 DIA 28
- 65 DIA 29 TOUCA NÃO PODE, MAS BONÉ SIM
- 69 DIA 30 SENTIR AS PALAVRAS
- 71 DIA 31 RODA DE CONVERSA
- 73 DIA 32 QUANDO JÁ NÃO É MAIS A PRIMEIRA NEM, TAMPOUCO, A ÚLTIMA
- 74 DIA 33 PROXIMIDADE
- 76 DIA 34 JÁ NOS CONHECIA
- 77 DIA 35 REESTRANHAR É UM JEITO DE CHEIRAR A CHUVA
- 79 DIA 36 TEMPO DA ESCUTA
- 83 DIA 37 CONTAR OS DIAS
- 84 DIA 38 JORRO
- 88 DIA 39 PARA A SOBRINHA ESTUPRADA PELO ADOLESCENTE COM CUJO PAI CONVERSEI HOJE
- 94 DIA 40 SOBRE FAZER BARCOS NOS OLHOS
- 103 DIA 41 A JUSTIÇA É PODRE
- 105 DIA 42 RETORNO OU ISSO QUE É DIFÍCIL DE NOMEAR
- 107 DIA 43 FORÇAS MOVIMENTAM
- 108 DIA 44 PARECE SEMPRE A PRIMEIRA
- 110 DIA 45 O ARQUIVO ESTÁ VIVO

UMA ORGANIZAÇÃO NÃO OPRESSIVA É POSSÍVEL?

Este livro teve início a partir dos relatos sobre a prática de extensão universitária do Grupo Coletivo Fila, atuante entre 2012 e 2016, vinculado ao Programa Interdepartamental de Práticas com Adolescentes e Jovens em Conflito com a Lei (PIPA), ambos atuantes na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O recorte temporal pertinente ao livro conta, de forma não linear, sobre o fazer do Grupo que, ao deparar-se com situações que extrapolavam os lugares comuns dos saberes, adotou práticas e narrativas vinculadas a uma forma poética de relacionar-se com o mundo. Tática intuitiva para enfrentar o estado de violência que perpassa os relatos e ameaça as forças vitais quando elas são necessárias para que se resista ao horror ainda banalizado nas instâncias institucionais de (in)segurança pública mantidas pelo Estado brasileiro.

A autoria do livro é coletiva. Alguns relatos foram escritos individualmente, outros em conjunto, mas as identidades importam aqui enquanto vidas que compuseram um grupo potente de processos germinativos de fazeres não-burocratizados e próximos à comunidade, com quem o conhecimento deve ser construído. O Grupo foi coordenado pela professora Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto e teve supervisão da pesquisadora Julia Dutra de Carvalho.

Fizeram parte do grupo, no período de 2012 a 2016, estudantes e profissionais das áreas do direito, da psicologia, da história, do jornalismo e das artes visuais. São elas e eles: Ana Maria Pretto, Ana Brondani, Ariane Oliveira, Bruna Kloeckner Dadalt, Carlos Augusto Becker, Carolina Tombini Ponzi, Caroline Balbinot, Cecília Suñé Novossat, Daniela Fontana Bassanesi, Daniel Rodrigues Fernandes, Eduardo Gutierrez Cornelius, Flora Prati Barbosa, Gabriela Jahn Verri, Guilherme Aresi Madruga Lopes, Guilherme Dal Sasso, Helena Vargas Cabeda, Jonas Araujo Lunardon, João Baptista Alvares Rosito, Karine Shamash Szuchman, Larissa Valim Machado, Letícia Cherini, Luiza Cabistani, Marina da Rocha Rodrigues, Roberta Kern Menna Barreto, Silvia Zonatto, Vitória Cherfên, Suelen Andreis.

Os nomes das e dos familiares dos adolescentes foram alterados nos relatos para que as identidades sejam protegidas. Assim, também as identificações das(os) integrantes do Coletivo estão anônimos. Para além dessas alterações, pouco se entrevistou nos relatos feitos pelo grupo como registros do processo de trabalho ao longo dos anos. Em um primeiro momento, não pensávamos em organizá-los no formato livro. A vontade surgiu do desejo de registro, que se fez documentação capaz de arquivo e de memória a tornar-se livro – livrar é tornar livro¹.

Os fazeres do Grupo em relatos, poesias, performances, ilustrações e escritas, em seus muitos significados, contam de uma necessidade de comunicação, de um desafogamento, que tem lugar no gesto de livrar o corpo pulsante do Coletivo, já há bastante tempo sem contornos definidos. Dar corpo ao que ecoava da fila nos era imprescindível para simbolizar e reverberar o que experienciávamos.

Do contrário, seria como silenciar em nós os gritos que nos rasgavam a garganta como cacos afiados dos corpos que não eram os nossos, mas que nos corporificavam em afetações. Os relatos estão escritos na língua da fila e são uma restituição do trabalho que aconteceu no espaço em que os familiares aguardavam para visitar os adolescentes em internação provisória no Instituto Carlos Santos (ICS), unidade de internação provisória na Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul (FASE).

Quanto tempo cabe em um livro? Enquanto grupo, pensamos que o livro deveria compreender 45 dias, porque esse é o tempo máximo previsto para a internação provisória dos adolescentes, conforme o artigo 108 do Estatuto da Criança e do Adolescente. Contudo, a localização dos relatos em cada dia não está em ordem cronológica para recriar, no livro, a sensação que experimentávamos na fila. Tantas vezes, parecia a primeira vez; algumas vezes, já não sentíamos como se fosse a primeira vez, mas as próximas pareciam-se com a primeira. Quando foi a última?

1 O livro é parte da pesquisa de mestrado *(Sub)verter a escuta para olhar: arquivo como corpo poético de afetação*, realizada com apoio da CAPES. A publicação foi viabilizada através da Lei Rouanet.



O Coletivo Fila foi um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul criado a partir da necessidade de um trabalho interdisciplinar junto aos familiares de adolescentes que se encontram internados, provisoriamente, na Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul, aguardando a sentença para o cumprimento de medida socioeducativa. Antes de falar propriamente das atividades desse grupo, faz-se necessário contextualizar seu berço de criação. Somado a outros três programas, o Coletivo Fila compunha o guarda-chuva do Programa Interdepartamental de Práticas com Adolescentes e Jovens em Conflito com a Lei, o PIPA. Esse núcleo de extensão formou-se com a união de três programas, de três faculdades distintas: Educação, Psicologia e Direito, que se articularam pela necessidade de um trabalho de atenção integral ao adolescente.

A perspectiva interdepartamental e interdisciplinar busca potencializar ações que enfrentam as lógicas que tendem ao isolamento de áreas e de disciplinas na formação. As equipes formadas por estudantes, docentes e técnicos desenvolvem o exercício de diferentes profissões num trabalho coletivo e interdisciplinar nas práticas com adolescentes em conflito com a lei. A extensão é um dispositivo de análise crítica e ética da formação, promovendo o ensino e a pesquisa na interação com a comunidade na rede de políticas públicas de Porto Alegre.

Fizeram parte do Coletivo Fila, estudantes de graduação e profissionais das áreas de psicologia, direito, história, artes visuais e ciências sociais, integrantes de projetos de extensão da UFRGS, que se uniram para pensar essa proposta de intervenção específica por interesse na temática de violação de direitos e privação de liberdade. O trabalho teve início em 2012, quando do contato feito através da Associação de Mães e Amigos de Adolescentes em Risco - AMAR, que solicitou ao serviço de Assessoria Jurídica Universitária que fosse às filas de visita da FASE para oferecer um suporte técnico-jurídico a essas famílias.

Notou-se que, muito além das dúvidas processuais, essas famílias têm uma grande demanda por um espaço de escuta, uma vez que sofrem inúmeras violações de direitos, antes, durante e depois de todo o caminho do ato infracional. Dessa forma, um trabalho interdisciplinar começou a esboçar-se quando do convite para o “pessoal da psico” compor junto. O Grupo Desencadeia, coletivo abolicionista penal, que trabalhava pelo combate propositivo inventivo às violências do Estado compôs a parceria com o Grupo de Assessoria à Juventude Criminalizada (G10/SAJU).

Em pouco tempo, a atividade foi crescendo e ramificando-se, dando espaço para a criação de um grupo que pudesse analisar e trabalhar, atentamente, essa demanda. O Coletivo Fila nasceu, portanto, com a proposta de construir um espaço de acolhimento, escuta e retirada de dúvidas desses familiares. As intervenções do grupo na fila se davam através de proposições coletivas que iam desde conversas individuais até oficinas coletivas.

Após iniciarmos a atividade no campo e estarmos em contato com os familiares dos adolescentes, fomos escutando, aos poucos, o sofrimento daqueles sujeitos, em sua maioria mães, que não sabiam nem o que poderia acontecer com seus filhos. Não sabiam como se dava o desenvolvimento das audiências e por que seus filhos aguardavam dentro da FASE e não em liberdade. Não sabiam a quem recorrer quando das violências policiais e traziam, fortemente, consigo um sentimento de impotência e culpa frente à situação em que seus filhos se encontravam.

A prática do Coletivo Fila foi tecida por tortuosos caminhos. Ao inverso daquele que estamos acostumados, em que o sujeito chega até nós; nesse projeto, erámos nós que saíamos da toca e lançávamo-nos na experiência de ir a campo escutar esses sujeitos na fila, onde não há paredes, somente um teto e alguns bancos rachados. Bastava isso para que acontecessem os encontros entre os integrantes do grupo e os familiares dos adolescentes. Encontros com a vulnerabilidade social, com a violação de direitos, com a diferença, com incertezas e com outros saberes. Nesse tempo de espera, vários foram os relatos de violação de direitos que nos foram narrados. Escutamos testemunhos da violência policial que acomete esses jovens de maneira intensa e recorrente; escutamos a violência estatal que marca na carne aqueles

que estão à margem – 30mil jovens mortos por ano, sendo 75,5% das vítimas de homicídio no Brasil, em 2017, negras ².

Frente a essas questões, o grupo elaborou oficinas para serem feitas com os familiares dos adolescentes. A ideia era que a oficina fosse um meio para abrir a fala, tirar as histórias do âmbito individual e privado e trazê-las para o coletivo, deixando aparecer as identificações entre os pares, sentimentos compartilhados pelos que lá esperavam. Mantendo o cuidado com a escolha de quem queria manter o sigilo, deixávamos uma caixa, papel e caneta como uma outra forma de testemunhar. O silêncio havia sido rompido; o compartilhamento fora iniciado. Através das oficinas, foi possível a produção coletiva de novos sentidos ao próprio momento de espera na fila. O testemunho veio resgatar essa tentativa de protagonizar os sujeitos através de suas narrativas para que eles passassem a ver-se ativamente frente à espera.

Durante o percurso, buscamos tecer parcerias com diferentes instituições, organizações da sociedade civil e do Estado, serviços da rede de saúde e assistência e com a Defensoria Pública. Fizemos uma parceira com o Centro de Referência em Direitos Humanos, aberto pela DPE, para que as mães pudessem ser acolhidas lá e, caso desajassem, pudessem denunciar a violência policial. Em se tratando de um projeto da universidade, perguntamo-nos: “Como retornar para academia os efeitos e os afetos do que se produziu a partir de lá? Qual o papel das universidades na formação para escuta de violência estatal? Como formar testemunhas das testemunhas?”.

Encontramos na fila, uma caixa preta de nossa sociedade cujo conteúdo temos o dever de revelar. É preciso que nos preocupemos com os efeitos das violências que seguem sendo perpetradas e que seguem, ainda hoje, no registro do esquecimento. Mario Benedetti bem que avisou: “o esquecimento está cheio de memória”. É nosso dever, então, tornar públicas as experiências e as lutas que a história apagou, resistindo às políticas de silêncio e de esquecimento. Nesse

2 Segundo dados do Atlas da Violência de 2019, realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 35.783 jovens foram assassinados no Brasil. Conforme a pesquisa, 75,5% das vítimas de homicídio no Brasil, em 2017, eram negras.

sentido, o Coletivo Fila propôs-se a abrir algo do que foi, e ainda segue sendo, silenciado em nosso país.

FILA 09.05.2015

Os não abraços

Sempre achei que um apertãozinho entre corpos fosse a melhor forma de acalantar os sentimentos. Tamanha foi a minha apreensão ao me dirigir a uma mulher que relatava tremenda dor sem que eu pudesse apertá-la contra o meu corpo em sinal de solidariedade. Dentre todas as explosões de impotência que se expandiam dentro de mim, essa ausência do abraço ainda me entala a garganta.

DIA 3

DEDICATÓRIA

À mãe com quem pude compartilhar um abraço, há tanto tempo contido, na esquina onde se encontram as ruas Osvaldo Aranha e Santo Antônio, em Porto Alegre. A esse abraço, que tornou a fila um fora e ligou dois pontos tão distantes da cidade e duas vidas que, de outra forma, provavelmente, não se tocariam, meu sincero afeto.

Seu rosto ficou borrado na foto
Como em uma aquarela
Não preciso de outra lembrança
A gente pensa que as coisas vão durar
Mas elas passam num sopro
Se van se van
Con el aire
Preciso poetizá-la para não esquecê-la
Porque vou sempre ao cabo
Ao fim
Ao limite de tudo
Às paixões ações ilusões
Eu passaria minha vida toda ali
Se não fosse lugar de esquecer
Sobre uma tarde na fila da FASE
E um abraço na esquina
Vou demorar muitos anos para construir no micro
O que desconstruí no macro
Poeira leve



Olhos de fala, o fora de foco dos afetos que movem.
Fonte: arquivo do grupo Coletivo Fila, 2013.

FILA 07.07.12

Chegamos e, um tanto afastados, esperamos a colega e o segundo menino do direito que viria. Outra colega manda mensagem que está mal e não vai conseguir vir; do guri, não temos notícia e a coordenadora da AMAR nos diz que sua colega hoje não vem. Bem, então a coordenadora dá um alto bom-dia, fala de nós, nos apresentamos e começamos a ser mais ouvidos que esperas. A mãe que se aproxima de mim me pede um cartão com a fala atrapalhada, não entendo direito o que ela quer pedindo um cartão, diz que desses que dá pra ligar pra ver se entende melhor. Digo que não trazemos, mas que estamos aqui se ela quiser tirar alguma dúvida e conversar. Ela fala, então, um pouco da fila, das esperas, da demora, do seu trabalho, o quanto é sofrido vir aqui direto depois do plantão que faz nas sextas, de quão cedo as mães chegam, do frio que está fazendo hoje. Nisso falamos do seu filho, mas, sobre isso, ela usa menos palavras, mas diz que ele está aqui há um mês e meio e que vai ficar mais três. Acho estranho isso e pergunto sobre a sentença, se já saiu, se ela sabe da situação. Diz que já saiu e que ele vai ficar ali, então falo sobre ser uma unidade provisória. Ela tem algumas dúvidas, mas fica confusa em formulá-las e parece não estar muito preocupada quanto a isso. Sugiro que fale com o colega do direito, que tá aqui justamente para isso, e ela não dá muita bola, como se o que estivesse decidido, pronto, estivesse decidido. Falamos um pouco mais sobre o frio e a espera e então nos despedimos. E ela não conversa com o colega.

Vou ao banheiro para assuar o nariz e não tem papel. Depois descubro, trazem, ou se pedem. Assim, vão se conhecendo e começando conversas cedo da manhã. Volto e o colega me chama para conversar com a Nandina, mulher grande e cheia de firmezas, que pedia a ele indicações. Que seu filho age antes de pensar, que ela sempre o alerta, que é muito impulsivo. Tem muito a dizer e não quer ouvir meus comentários. Quer falar e fala, conta a história da família e de vários

de seus membros, teve vários filhos, já tem netos, adotou jovens. Fala sobre juventude e sobre o medo que as pessoas têm, assunto onde tento tecer comentários, mas ela engata e segue. Fala da casa, da loja, da rotina, dos cuidados. É muito mãe, cuida de tudo, faz muitas coisas por muita gente. Se afirma muito forte – diz que já foi delicada mas a *vida vai ensinando* e agora é forte –, e sua força se expressa no tamanho e no jeito do corpo, no olhar firme, nos cabelos muito negros. A certa altura da conversa, chega uma menina, que, primeiro, penso ser sua filha pela intimidade e “carinho punho firme” com que Nandina a trata. A menina a trata com muito respeito e aparentando gratidão. Depois vejo, é a companheira do seu filho, grávida de dois meses. Quando Nandina fala de algumas das crianças pequenas, dos netos que habitam entre suas casas e sua loja, a menina logo pega o celular para me mostrar uma foto. Não encontra (Nandina depois encontra no dela pra me mostrar), então me mostra o fundo de tela, ela com o namorado. Nandina vai contando sobre a decisão de onde eles morariam, que não coube a eles, afinal Nandina dando a casa que decidiu que ficariam perto, no terreno de trás – embaixo da asa. Falam, depois, um pouco da revista, do frio que passam, que não podem entrar nem com anel, nem cinto, mas Nandina brinca que eles (esses que barram) não sabem o que se pode fazer com um cadarço de tênis. Conta que seu filho já tentou se matar várias vezes, se cortou bastante e afinal ela tem medo que aí ele faça alguma coisa.

No meio de tudo isso, o que consigo falar, pra mais de concordar em escuta com suas tantas frases tão engatadas e tão firmes, é sobre então a indicação de tratamento que ela estaria buscando e teria me chamado pra conversar para pedi-la. Com certa pausa, diz que ela também precisa, que ela tem que ter orientações, que é responsável por muita coisa. Falo da Clínica³ da UFRGS, ela gosta da ideia e me

3 A Clínica foi fundada a partir da Resolução n° 01/1977 do Departamento de Psicologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, sob o título de Núcleo de Atendimento Psicológico ao Estudante (NAPE). Criada com a finalidade de oferecer atendimento psicológico e formação aos alunos da graduação do Curso de Psicologia da mesma universidade, alterou este objetivo para o atendimento à comunidade. Passou, assim, a ser espaço para a realização de estágio curricular nessa Universidade, atendendo à exigência do Ministério da Educação para os cursos de graduação em Psicologia no país. Fonte:

pede telefone e endereço. Quando vou falando, ela me pede uma folha, então uma mãe que estava perto e parecia bem alheia à conversa, prontamente, tira um bloquinho, arranca uma folha e lhe alcança. Há uma cumplicidade entre as mães nessas horas pesadas. Como não tenho o telefone, combinamos de eu conseguir e segunda lhe dar retorno. Ela me dá o cartão da sua loja pra que eu ligue, diz que posso ligar a cobrar e se eu quiser comprar ou consertar um móvel. Seguimos conversando da mesma forma, ela falando sem querer ouvir, sem me reconhecer nas minhas palavras, mas querendo ouvidos e, durante toda a conversa, ela me olhava nos olhos. Me intrigou demais essa mulher em sua enormidade de cuidados a todos, de viver pra assistir todos. Percebo que já passa das 13h30, a fila no portão já se forma, então me despeço com a promessa de retorno quanto ao telefone.

Vou até a fila para falar com a mãe com quem conversei sábado passado, perguntar se já consegui falar com a defensora, se já resolveu algo quanto a pagar advogado particular, se tem estado melhor e se o guri está bem. Me conta um pouco do que ainda tem de incertezas, mas mais tranquila quanto ao filho, e agradece a dedicação, de eu ter lembrado dela e ido perguntar.

Me inquietam os limites da efemeridade desses encontros. Espero que essas vivências não parem por aqui!

<http://www.ufrgs.br/psicologia/orgaos-auxiliares/clinica-de-atendimento-psicologico/apresentacao-intro>, acesso em 07/10/2020.

DIA 5 PRIMAVERA NOS DENTES DE LEÃO

FILA 12.10.13

Notei muito os dentes de leão enquanto ia subindo para o IPC. Primavera! E feriado de dia das crianças. Crianças... Pensamos nisso quando vimos que havia bem pouca gente lá. Por ser feriado, será? Mas dia das crianças, justamente...? Aos poucos chegou mais e mais gente, até ficar bastante cheio.

Para questionarmos: estão vindo mais tarde mesmo? Ou saem para dar uma volta e depois retornam? Percebemos que (quase?) todos subiam com sacolas de salgadinhos... estariam indo comprar em outro lugar? O que tem ali por perto? Hoje o alvoroço em torno do carro⁴ não estava tão grande. E, importante: hoje chamaram pelo nome do adolescente! Antes era por número (não?). Será que o esquema das fichas mudou também e, assim, podem chegar mais tarde? Qual critério da ordem de entrada então? Conversamos sobre tudo isso e pensamos em quem vier no próximo sábado conversar com o pessoal ali da entrada, que faz as chamadas, para entendermos um pouco o que acontece agora e o que acontecia antes.

Nisso de sabermos mais, também tem a questão da revista íntima: uma conhecida minha assumiu de educadora lá há umas duas semanas. Conversei com ela esses dias e foi uma conversa bem emblemática (?). Falamos sobre alguns posicionamentos do pessoal que trabalha lá, que ela contou tratar os guris de *coitadinhos* ou de *marginais*. Achei interessante que os agentes educadores, que nós abreviamos “educadores”, se abreviam “agentes”, o que me remete direto à agente penitenciária. “[...] essa história de terem proibido agora a entrada de bolachas recheadas! Ela participa também da revista [...]”. Daí perguntei: “tá, mas qual a questão com o recheio?”, e ela “... é mesmo! Não sei”. Outra coisa é o agachamento: ela disse que não fazem

4 Há um vendedor de comidas e de café que vem até a fila de carro trazer os pedidos dos familiares.

na revista do ICS, embora façam em todas as outras unidades. Mas e por quê? Não se sabe.

Voltando a esse sábado: chegamos e, de cara, nos bateu um constrangimento, tão estranho, quanto familiar. Sempre há esse momento na chegada, sermos olhadas e estranhadas, olharmos e nos permitirmos estranhar também. Mas hoje parecia maior... ainda não entendi o porquê. O senti nas gurias também, mas percebi a colega que entrou há pouco no grupo mais “solta”. E achei engraçado isso, por sermos nós macacas velhas, constrangidas de uma forma que parecia quase uma primeira ida. Enquanto isso, ela se permitia um pouco mais, estava num ritmo seu, tomando iniciativas. Nós mais lentas, mais observantes.

Nisso, dessa dificuldade de aproximação, conversamos entre nós no final sobre a função e a importância do papel dos telefones. Como se, assim, tivéssemos *algo a oferecer*, que se apresenta física e materialmente para nós e para as pessoas de quem nos aproximamos. É interessante para iniciar conversas e acredito que representa, para nós, alguma *solidez* do nosso trabalho.

Na chegada, passado algum tempo de maiores estranhamentos, começamos a falar com os grupos de mães, indo nós três juntas, mas, ao longo da manhã, fomos indo mais individualmente, o que percebemos que deu mais “intimidade”, mais proximidade na abordagem para as mães começarem a falar. Achei isso um tanto paradoxal, afinal, estamos sempre falando sobre a coletivização das experiências, insistindo na tentativa de oficinas. Será o espaço, ali da frente do IPC, que provoca essa intimidação? Será que temos que dar uma repensada na nossa forma de abordagem? Acho que seria importante voltarmos à questão, que acredito nunca se esgotar, da função da nossa presença lá e das conversas individuais com aquelas mães.

Quanto à camiseta⁵, achamos bem legal essa identificação, permitindo um reconhecimento do grupo. Ainda mais agora que estamos indo todos os sábados: várias mães de hoje já tinham conversado com algumx de nós (ou pelo menos já tinha o papelzito) e pareciam reconhecer pela camiseta antes mesmo de qualquer apresentação.

5 Pintamos camisetas com stencil para identificar o grupo e levamos o stencil para propor oficinas na fila.

Nesse sentido, também achei legal a circulação das mães e de suas falas entre xs membrxs do coletivo. Uma mãe, com quem eu já tinha conversado há dois sábados, trouxe novas questões, então, chamei outra colega para a conversa e pudemos compartilhar. Assim como outra mãe que eu tinha conhecido e que hoje conversou bastante com outra de nós (e imagino que sábado passado com outra pessoa ainda).

No mais, entreguei vários papéis, circulei por vários grupos, mas conversei mais com essa mãe que já conhecia e com uma guria, que me procurou para perguntar sobre o que poderia acontecer ao seu companheiro, internado por causa de um homicídio qualificado, com medida de dois anos e meio (não está no ICS, já teve a condenação de ISPAE). Ela disse que ele teria uma audiência naquela semana e, como ele já completou 18 anos, ela tinha medo que ele fosse transferido para a “modulada”. Expliquei um pouco sobre como isso funciona, como é a ISPAE, a ICPAE, os 21 anos, etc. Ela ficou mais tranquila e agradeceu.

E um outro questionamento, para finalizar aqui, sobre a diferença de conversar com mulheres, mães, e conversar com homens... Percebi bastante isso nessa ida. Conversando com as gurias, na saída, falamos sobre, algumas vezes, uns homens que estavam por ali serem agentes/educadores, às vezes conversando com algumas mães, falando sobre a instituição, tirando (e colocando) dúvidas... A postura deles difere bastante, aquele ar ostensivo, ofensivo, de firmeza e peito inflado. Mas temos observado, ultimamente, muitos pais também indo visitar os guris. Acredito que nesse sábado havia lá tantos homens, quanto mulheres, embora nem todos os homens parecessem ser pais para visita. Talvez pela postura de alguns desses homens, eu me sentia bem mais confortável de me aproximar de mulheres, mesmo que os homens com quem eu fosse falar não demonstrassem tal postura... não sei, queria saber se alguém mais tem sentido isso, queria discutir melhor esse ponto.

TELEFONES E ENDEREÇOS ÚTEIS EM PORTO ALEGRE

DEFENSORIA PÚBLICA- UNIDADE FORO CENTRAL
Endereço: Rua Márcio Luis Veras Vidor, nº 10 - 3º, 4º e 10º andares
Telefone: (51) 3224-0777

NÚCLEO DE DIREITOS HUMANOS DA DEFENSORIA PÚBLICA
Endereço: Rua Sete de Setembro, nº 666 - 7º andar.
Telefone: (51) 3211-2233

SAJUJURGS- SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA UNIVERSITÁRIA
Endereço: Av. João Pessoa nº 80.
Telefone: (51)3308-3967

PALÁCIO DA POLÍCIA DE PORTO ALEGRE
Endereço: Avenida João Pessoa, nº 2050.
Telefones: (51) 32882-400, (51) 3217-0257

TELEFONES E ENDEREÇOS ÚTEIS EM PORTO ALEGRE

DEFENSORIA PÚBLICA- UNIDADE FORO CENTRAL
Endereço: Rua Márcio Luis Veras Vidor, nº 10 - 3º, 4º e 10º andares
Telefone: (51) 3224-0777

NÚCLEO DE DIREITOS HUMANOS DA DEFENSORIA PÚBLICA
Endereço: Rua Sete de Setembro, nº 666 - 7º andar.
Telefone: (51) 3211-2233

SAJUJURGS- SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA UNIVERSITÁRIA
Endereço: Av. João Pessoa nº 80.
Telefone: (51)3308-3967

PALÁCIO DA POLÍCIA DE PORTO ALEGRE
Endereço: Avenida João Pessoa, nº 2050.
Telefones: (51) 32882-400, (51) 3217-0257

TELEFONES E ENDEREÇOS ÚTEIS EM PORTO ALEGRE

DEFENSORIA PÚBLICA- UNIDADE FORO CENTRAL
Endereço: Rua Márcio Luis Veras Vidor, nº 10 - 3º, 4º e 10º andares
Telefone: (51) 3224-0777

NÚCLEO DE DIREITOS HUMANOS DA DEFENSORIA PÚBLICA
Endereço: Rua Sete de Setembro, nº 666 - 7º andar.
Telefone: (51) 3211-2233

SAJUJURGS- SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA UNIVERSITÁRIA
Endereço: Av. João Pessoa nº 80.
Telefone: (51)3308-3967

PALÁCIO DA POLÍCIA DE PORTO ALEGRE
Endereço: Avenida João Pessoa, nº 2050.
Telefones: (51) 32882-400, (51) 3217-0257

FILA 02.11.2013

Nesse sábado quente, saí de casa sem tomar café porque não queria me atrasar, mas atrasada cheguei. Desci na parada errada, ou seria na parada certa? Caminhei pelo Parque Marinha, todo florido. Cheguei no Beira Rio. Consegui atravessar com facilidade pela primeira vez desde que as obras da copa do mundo começaram. A distância da minha casa até a FASE aumentou muito por causa das obras. Notei que tem um asilo bem perto da FASE. Tem uma data na fachada: 1808. Vi duas senhoras na janela. Fiquei pensando em todas as mudanças que aquele asilo deve ter presenciado... Cheguei na FASE. Encontrei a colega. Resolvemos esperar a outra colega de baixo da sombra morna de uma árvore. Depois de muito tempo, as mães voltaram pro espaço do ICS.

Depois de um curto momento de olhares, nos apresentamos pra todo o grupo, coisa que não fazíamos há muito tempo. A primeira pessoa para quem entreguei o folheto já começou a me perguntar sobre tratamento psicológico. Disse que achava que nada ia ser como antes, depois do que o filho estava passando. Então, ela começou e me falar sobre o processo. Sabia muito bem em que fase estava. "Teve a audiência no DECA e depois ele veio pra cá, agora vai ter a audiência em que a juíza vai decidir. Tomara que Deus tenha misericórdia, na verdade, que a juíza tenha misericórdia. Ele tá sendo acusado de tentativa de homicídio. Disserem que quem atirou foi o de maior, ele é coautor. Disse pra ele não sair na rua, mas sabe como é jovem, né? Eles querem sair na rua, eu entendo. Eles pensam que a gente já nasceu velha, eu sei como é. Ele achou que nunca ia acontecer com ele. Vi o filme da Zuzu Angel. Mataram a mãe pra abafar a história do filho, faz muito tempo, né, mas a gente sabe que isso ainda acontece". Ainda me contou sobre a violência policial. Disse que o filho ficou com o apelido de um óculos por causa dos olhos roxos. Tinha uma marca de botina na barriga e não levaram pra fazer exame de corpo de delito. A única prova que ela tem é a jaqueta do filho com uma marca de bota da polícia.

DIA 7

CONTINUIDADE

ENCAMINHAMENTOS DA REUNIÃO DO COLETIVO
FILA DO DIA 08.12.2014

Relato fila:

Nenhuma das mães nos conhecia, sensação de não pertencimento à fila. Coletivo como algo que possibilita uma sensação de continuidade mesmo que as mães transitem naquele espaço. As mães com quem vínhamos trabalhando conseguiram se organizar coletivamente e, nesse último sábado, as escutas foram mais individualizadas, querem falar, apareceram muitas dúvidas jurídicas.

FILA 11.06.2014

Barradas na portaria da FASE, só com insistência conseguimos subir. Fomos recebidas com um sorriso da pessoa que barrou nossa entrada. Disse-me por telefone na portaria que a casa tinha lançado uma nova normativa e que a partir de agora teríamos que ter autorização da diretoria da FASE pra fazer a visita e teríamos que agendar a visita com eles depois de a diretoria da FASE enviar a autorização dizendo o nome, o RG e a quantidade de pessoas que iriam. Repeti muitas vezes que temos autorização e que fazemos esse trabalho há dois anos e nunca fomos barradas. Quando perguntei qual o motivo de, justamente nesse dia, não podermos fazer o trabalho, ela não soube o que me dizer e pediu pra subirmos e falarmos com o diretor da casa.

Subimos, fomos convidadas a sentar e escutamos uma explicação de que a casa estava com problemas na fila porque tinha um perfil de mãe que reclama. Ao lembrar, sinto voltar do estômago esse discurso que não digeri. Voltamos à fila e fomos apresentadas. Uma mãe logo disse: “veio apresentar, mas a gente já conhece elas já de várias filas”. A nutricionista e o professor da escola da FASE também estavam na fila. Disseram-me que deveríamos pesquisar sobre a escola da FASE. Senti que a FASE (pelos trabalhadores do ICS) estava dando informações sobre seu funcionamento na fila.

Logo me afastei das pessoas que trabalham no ICS e fui falar com as mães. Todas as pessoas com quem conversei falaram comigo nem que fosse pra dizer que ainda não tinha acontecido nada com seus filhos dentro da FASE, mas que estavam de olho. Senti uma força muito grande na fila. Entreguei panfletos, algumas mães, inclusive, me pediram, avisei da oficina na CRDH. Uma mãe veio falar comigo. Me perguntou se era certo isso do filho dela não poder falar na audiência. Expliquei que o adolescente deve ser ouvido na audiência de apresentação e que na audiência em continuação quem fala é o defensor público, que representa o adolescente e protege seus direitos.

Quantas vezes ela repetiu a palavra fala e suas variações, como se a repetição fosse suprir a falha da fala retida. “Tá certo isso? Meu filho saiu frustrado. Ficou frustrado. Dois dias frustrado. Fiquei frustrada. Ele não falou. Eu não falei”. E eu a ouvi querendo falar, vivendo com ela a revolta da fala travada, mas não precisei dizer. Ela sabia. Só precisava dizer e foi bom escutar. Pedi o número da Defensoria. Sublinhei no panfleto. “Vou falar com o defensor pra isso não acontecer mais! Nas próximas audiências vou falar!

Outra mãe me chamou e mostrou dois papéis. “Não sei de nada, no papel, tá tudo aí, me disseram que tá tudo aí, mas como não sei ler...”. Não tinha nada no papel. No folheto amarelo, estava escrito apenas o número do processo e sua localização na prateleira do fórum. Nem o nome do defensor constava nas informações. O outro documento era uma intimação. Muito pouco pude dizer a ela porque quase nada o papel me disse, mas disseram a ela que estava tudo no papel. Mostrei o número da Defensoria e disse pra ela entrar em contato. Conversamos mais um pouco. Ela disse que o promotor falou pro filho dela: “quer ficar andando de roupa de marca... como conseguiu isso?”. “Conseguiu porque eu trabalho!”, ela me disse. As mães começaram a subir, ela se deu conta e disse que ia subir também e me agradeceu.

Voltei pra perto de onde estávamos quando chegamos e conversamos com mais algumas mães. Uma me perguntou sobre o serviço de odontologia da UFRGS. Outra sobre processo de pensão alimentícia. Explicamos quais são os grupos que trabalham com direito de família no SAJU e passamos o telefone. Logo depois, fomos embora.

DIA 9

**REFLEXÕES SOBRE O TEMPO E O
CONHECIMENTO**

FILA 20.01.2015

Violência policial. Abuso de Poder. Impotência. Inércia da Defensoria Pública. Enxertos. Reconhecimento. Essas são algumas palavras e frases que se fixaram em minha mente.

As mães/irmãs/companheiras dos adolescentes as quais pude ouvir falaram, basicamente, do desrespeito por parte dos policiais; o desrespeito na fala, nas humilhações e nas ameaças; na violência física e verbal com que são tratados os adolescentes. Falaram também do preconceito que sofriam. Enfim, falaram do processo degradante de abordagem da polícia e da (in)justiça juvenil, que já conhecemos.

Conheci uma mãe, a Violeta, com quem pude conversar por mais tempo. Ela nos contou do filho, dos policiais, de sua vivência. Disse que queria se expressar, que queria ser ouvida. Que a impotência contra isso doía, que ser desconsiderada doía.

Havia, hoje, um grupo, o qual representava uma igreja, que foi prestar acolhimento às mães; distribuíram jornais, oraram, conversaram. Se apresentavam como nós: entregavam seus folhetos, iniciavam conversas, tal qual fazemos.

Ao passo que as mães se reconhecem umas nas outras, nós nos reconhecemos nelas. Entretanto, será que elas se reconhecem na gente? Talvez sim, talvez não, ou talvez somente às vezes isso aconteça. Com certas mães, parece que o título de “pessoal da UFRGS”, por mais que ajude no início de um diálogo, às vezes dificulta porque é como se fôssemos mais um agente do Estado dando informações. Isso, por sua vez, implica um afastamento entre nós. Em contrapartida, com outras mães, a relação interpessoal se torna tão forte, que apesar de os assuntos os quais conversamos serem, na maioria das vezes, delicados de se lidar, esquecemos onde estamos; esquecemos que estamos na fila; nos flagramos conversando com amigas.

Falando sobre um pouco de tudo que pensei com a colega que me acompanhou na fila nesse dia, ela me fez chegar a conclusões, que, para ela, já estavam mais sedimentadas, em decorrência de toda a sua “trajetória de Coletivo”. Ou seja, os pensamentos que, para ela, já tinham sido debatidos, refletidos e organizados de uma forma mais estruturada, para mim, eram originais, no sentido de que eu os estava tendo pela primeira vez. Ela me ajudou a refletir que ir a uma fila é um pouco de reconhecer e de ser reconhecido. Uma mistura de muitos fatos coincidentes.

Assim, comecei a pensar sobre como formamos o conhecimento e sobre o tempo de cada um formar suas conclusões; comecei a pensar sobre os tempos diferentes; sobre os tempos diferentes do Coletivo; sobre os tempos diferentes que separam um adolescente caracterizado por sua mãe de “cabeça fraca” de um adolescente “maduro” (não que essa mudança se dê em um processo linear ou que classifique, necessariamente, uma evolução). Comecei, então, a refletir sobre o processo de mudança de pensamentos, de transformações de conclusões e de progressão de ideias; sobre o que nos separa e o que nos une como pessoas, sejamos mães, pais, adolescentes, sejamos “representantes do Coletivo”.

Enfim, esse foi meu relato. Um compartilhamento de tudo que permeou minha cabeça nessa fila. Foram todas ideias passageiras, racionalizações do que ouvi. Há grande probabilidade de que tenha cometido equívocos, entretanto, foi o que pude pensar nesse momento.

Gurias, depois de muito tempo sai uma espécie de relato. Por que uma espécie? Também não sei... Bom, vejamos.

Segue:

Considero esse meu relato porque ouvi essa música na noite de sábado e as cenas da fila latejavam na minha cabeça, então, brotou um baita sorriso no meu rosto por gostar tanto daquelas mães e por, de alguma forma, estar sentindo algo semelhante com o que elas sentem. Sábias ou não, embaçadas ou não, embriagadas ou não, foram essas as palavras e o ritmo que mexeram comigo:

Deixa o menino jogar ô iaiá
Deixa o menino aprender ô iaiá
Que a saúde do povo daqui
É o medo dos homens de lá
A sabedoria do povo daqui
É o medo dos homens de lá
A consciência do povo daqui
É o medo dos homens de lá

Sinhá me diz por que é que o menino chorou
Quando chegou em casa e num canto escuro
encontrou
A sua princesa e o moleque fruto desse amor
Chorando de fome sem saber quem o escravizou

FILA 19.07.2014

Fomos juntos, conversando sobre os novos folhetos. A colega comentou que fez poucas cópias porque o xerox onde foi era muito caro. Era mesmo. Ficamos pensando se faltariam folhetos. Estava um dia muito bonito, então, algumas pessoas se afastavam do quiosquezinho da fila, passeavam pelos arredores.

Ficamos impressionadas, pois havia pouquíssimas pessoas lá. De início, ficamos as três meio sem saber o que fazer. Ninguém pareceu notar que estávamos ali. Foi diferente da sensação que eu tive na última vez em que fui (a primeira da vida), porque não senti que as pessoas da fila notassem que nós não pertencíamos àquele lugar. Ainda assim, ficamos tímidas e hesitamos bastante antes de fazer qualquer coisa.

Decidimos usar os folhetos como uma “introdução”:

Oi, meu nome é Coletivo. Eu sou do Coletivo Fila. Somos um grupo que vem para a fila do ICS para acolher e escutar os familiares dos adolescentes. Como a maioria das pessoas chega aqui meio perdida, sem entender o que está acontecendo, preparamos um material – este folheto – com algumas informações básicas. A gente fica por aqui, caso vocês queiram conversar, tirar alguma dúvida. Não que a gente saiba todas as respostas, mas a gente se propõe a pensar a respeito do que não sabe.

Já nas primeiras pessoas que eu abordei, não pude terminar o “discurso”. Pareciam mãe e filha. Disseram-me que já conheciam o coletivo, que já tinham conversado na semana anterior e que não tinham mais o que dizer. Fiquei meio atordoada, mas me recuperei e segui para as próximas pessoas. Na verdade, todas as que estavam ali já

nos conheciam e disseram mais ou menos a mesma coisa. Uma mãe, inclusive, acrescentou que “não adiantou nada”. *Já falei com vocês, contei tudo, e não adiantou nada.* Ironicamente, de todas as pessoas que já conheciam o coletivo, ela foi a única que falou, sim, um pouco sobre seu filho, sobre como a FASE o tratava mal. Disse que estava aliviada porque, finalmente, ele recebeu uma sentença e logo seria encaminhado para o CASE (PC). Fiquei me perguntando o que havia de melhor no CASE (PC) em comparação com o ICS. Lembrei das vezes em que eu entrei nos dois lugares e, de fato, sempre fui tratada pior no ICS.

Nos reunimos de novo, comentamos sobre como havia pouca gente. Eu comentei isso com aquela mãe que falou mais e ela disse que muita gente tinha sido solta ou transferida. Conversamos sobre isso e pensamos no quanto isso era bom. Pensei até na copa⁶. Será que é tudo culpa da copa, mesmo? É só ela acabar e o ICS esvazia? Sentamo-nos nos bancos e ficamos observando as pessoas por ali. Um casal chegou e perguntou onde eles deveriam retirar a ficha. Chamei a atenção da colega para isso, pois eles eram novos por ali. Depois que retornaram do portão, sentaram-se ao sol e fomos até eles. Conversamos bastante. Não eram um casal, eram mãe e filho. Luna e Melo. Estavam ali para visitar o Petro, de 17 anos. Um menino de sorte, se já fosse janeiro, ele teria ido para o Central. Foi apreendido de uma maneira brutal. A polícia estava investigando a família há muito tempo, desde o início deste ano.

O Petro é suspeito de ter sequestrado a esposa de um político. A mãe dele disse, muitas vezes, que isso só estava acontecendo porque a vítima era uma pessoa importante e que seu filho não era culpado. Acho que eu perguntei, antes ainda de ela dizer quem era a vítima, se o filho dela realmente tinha feito o sequestro. Ela disse que não, que ele até apronta umas, mas que nada desse tipo. Ela estava muito indignada com a atuação da PM. Invadiram sua casa às 6h da manhã, metendo arma na cara dela, na cara dos filhos. Ela e a filha mais nova estavam dormindo juntas, só de calcinha, e até a entrada de uma policial mulher elas não tiveram a oportunidade de se vestir. Apesar disso, ela disse que manteve a calma, que foi conversando com eles

6 Copa do mundo de 2014.

até que abaixassem suas armas e fez, ela mesma, a revista na própria casa - tirando as coisas dos armários e das gavetas com calma, para que eles não revirassem tudo. Diz que passou um café para eles, o que ajudou bastante a amenizar o clima.

Na ida para a delegacia, o policial que dirigia a assustou muito. Era muito agressivo, cortava a frente dos outros motoristas, botava a cabeça pra fora da janela e gritava muito. *Parecia que estavam levando um criminoso muito perigoso*. Iam com a sirene ligada. A Lua tem labirintite e aquele barulho todo e o balanço do carro a deixavam enjoada. O Petro perguntou a ela se queria que ele pedisse para os policiais desligarem a sirene. Ela disse que não, mas eles ouviram o guri e disseram que era para ele calar a própria boca ou eles a calariam. Na verdade, não lembro se foi exatamente esse o “para-te quieto”, mas foi algo assim, agressivo e desnecessário. Quando chegaram à delegacia, a Lua “peitou” o policial que dirigia, criticando a forma como dirigia e gritava. Disse a ele que ele era jovem, mas que um dia poderia ter problemas de saúde como ela. Ele bateu a mão na mesa e saiu. Depois retornou, mais calmo.

Conversamos muito. Não lembro de tudo. Lembro que fiquei assustada quando a Lua relatou o que os policiais diziam a ela: sabiam tudo da vida dela. De sua padaria, que teve que fechar; com quem tomava café; como tomou banho de chuva um dia porque não quis pedir carona para o ex-marido. O Petro devia ser, realmente, um criminoso muito perigoso para investigarem tanto essa família. Ocorre que o único indício que tinham para considerá-lo suspeito era seu queixo. O cabelo do Petro, segundo a esposa do político, era igual ao cabelo de uma das duas pessoas que a sequestrou. Por sorte, Lua tem fotos que comprovam que Petro estava em outro lugar na noite em que ocorreu o sequestro. Já contratou um advogado particular também, disse que o defensor público no DECA estava muito perdido, não dizia nada com nada. Tem certeza de que seu filho logo sairá da FASE.

Em algum momento, Melo perguntou se era feita revista na entrada das visitas. Fiquei meio receosa em responder, então só disse que sim. Aí ele perguntou como era. Pareceu não fazer sentido esconder, então eu disse que tinha que tirar a roupa, abrir os braços, agachar. Ele perguntou se era todo mundo junto e eu fiquei feliz em poder dar a ~reconfortante~ resposta de que não. Conteí para ele que, por

ser homem, ele até entraria mais rápido, porque tinha poucos outros homens. A Lua ficou meio nervosa com a notícia da revista. Disse que tinha tirado tudo, brinco, colar, anel, e que não tinha vestido roupas com fechos e botões nem nada disso. Alguém contou que até com ferrinho de sutiã eles implicavam e a Lua, meio transtornada, disse que o seu tinha ferrinho.

Acabamos nem nos despedindo da Lua. Quando os familiares começaram a ser chamados, ela já estava lá na porta porque tinha ido entregar as roupas. Dissemos tchau para o Melo e ele nos agradeceu. Nós o desejamos sorte.

Ah, tem uma tomada lá! Numa das colunas.

DIA 12

FORA DO TEMPO

uma mulher desfaz
as grandezas machas
em grandes manchas

que fugi
fugi eu fugi com meus filhos não nascidos dali
que dali não sai filho
não germina nada não
levei os filhos pra outro lugar
não nascidos eles
os levei igual
que dali eu sabia
não saía

Em uma reunião do Coletivo Fila, a coordenadora da AMAR pediu que fizéssemos uma oficina para saber quais eram as principais demandas das famílias com relação à FASE para que ela pudesse levar as demandas à instituição. A questão mais recorrente foi o pedido de melhoria na limpeza dos banheiros.

Limpeza nos banheiros
limpeza geral em tudo
LIMPEZA GERAL EM TODA FACE

FILA 09.06.2012

Na chegada, depois de passar pelos portões da FASE, no caminho até o ICS, passamos pela entradinha de uma vila. Eu nem vi direito, mas alguém comentou que tem uma comunidade que mora ali. Ficamos meio sem entender como eles fazem para entrar e sair, se tem que passar pela Fase toda hora. O colega disse que os portões da Fase fecham às 22h.

Depois que a presidenta da AMAR nos apresentou, achei que seria difícil começar a falar com alguma mãe. Aí, então, ouvi nomes conhecidos: “ali do sexto andar”. Quando olhei reconheci a mãe de um adolescente que acompanhei no PPSC, que agora está no ICS. Me juntei à minha colega e fui lá ouvir ela. Depois, a minha colega saiu e ela continuou falando. Disse que queria muito que a coordenadora do PPSC soubesse que o seu filho estava lá (eu disse que ela já sabia e daria um tempo de visitar ele). Foi ela quem ressaltou: ela tá sempre correndo de um lado pro outro, né? Tomara que ela consiga dar uma passada porque ele já pediu para conversar com ela. Depois, ela me contou que tem medo dele ir lá pro POA I, que no ICS sabe que é diferente, mas ouve falar dos tumultos e de como funcionam as coisas nos outros Cases. Enfim, fiquei um bom tempinho ali com ela falando sobre o seu filho, sobre a família dela, a polícia, a audiência; mas também queria falar com outras mães.

O colega, então, me puxou para junto dele e me apresentou para a mãe e a irmã de um adolescente que estava lá no ICS com quem ele estava conversando e já tinha falado com elas num outro sábado, estava perguntando como estavam se encaminhando as coisas (elas tinham advogado particular). Elas viravam e falavam na minha direção também, começaram a contar a história do filho e do irmão com o ato infracional e, então, me fizeram relatos detalhadíssimos de violência policial e de muita tortura que ele passou. Impossível não sair com o estômago embrulhado, elas queriam que eu as ouvisse. Quantas vezes

elas já tinham contado aqueles detalhes sobre o que fizeram com seu filho e irmão? Parecia que não era a primeira vez que elas falavam, mas continuavam falando porque, de alguma forma, precisavam falar para alguém (olhavam nos meus olhos) aquilo que tanto já tinha as afligido e parecia que agora era que nem contar tantas outras coisas. Mas eu ao ouvir, não consegui engolir, não consegui botar meus pelos arrepiados de volta ao lugar e de alguma forma também senti que precisava falar para alguém, passar adiante essa história, que não poderia ficar só comigo.

Meu colega disse que cabe a elas a decisão de denunciar, mas que elas podiam ir em tais lugares (ouvidoria...). Elas contaram um caso de uma família que fez uma denúncia dessas e, 30 dias depois, toda família estava morta...

Depois, acompanhei duas mães tirando dúvidas mais pontuais sobre questões jurídicas mesmo. Ao final, o meu colega me apresentou para uma mãe, da qual fiquei ouvindo relatos de indignação com a juíza, de problemas familiares, de que estava muito fragilizada. Tentamos mapear as questões e dar algumas direções a ela. Ela me olhava muito firme nos olhos e, quando estava na hora de ela subir para entrar, vejo seus olhos apertarem e umedecerem. Nos despedimos, ela segura minha mão por alguns segundos.

Na descida e no ônibus de volta, nós quatro vamos conversando sobre a experiência... conversa infinita...

FILA 23.06.12

Sol, galpão aberto e as esperas. O peso das horas nas caras. A coordenadora da AMAR vem nos abraçar e contar do evento que foi em Brasília. Dá-nos materiais e depois fala em alta voz para as mães da disponibilidade de nossa escuta. Logo uma mãe vem até mim, com sua filha. Inicia afirmando-se, a ela e ao filho, como se os fizessem dignos com estas palavras de terem as palavras seguintes escutadas: é um guri bom, não é porque é meu filho, eu digo porque é verdade, eu conheço ele. A cronologia dos fatos e os próprios fatos ficam confusos em seu relato; pelas minhas perguntas, vai tentando explicar e vai, assim, repetindo diversas vezes e mais vezes ainda quando o colega do G10 vem para tirar algumas dúvidas. Tudo que tem, tudo que sabe, é uma pequena folhinha amarela, papel e impressão como nota de supermercado. Locais e horários a comparecer, defensor impresso ali em nome, mas incomunicável. Conta seu filho pela marca que faz na trama jurídica em que está. Flagrante com arma. Um acidente de carro, do qual foi vítima e teve seu rosto semidesconfigurado – quase morreu, chegou a dar “adeus” pra mãe. Vários cortes, várias cicatrizes. E bonito que era, vaidoso que era, pontuou a irmã. Não saiu mais de casa depois disso, faz menos de mês do acidente, mas uma vez saiu e o fez para assaltar um mercadinho.

Conversamos sobre juventude, sobre experiências de perda de vida, a morte dentro da vida, a experiência de se ter como a sumir. A mãe tem esse acontecimento como marco de mudança do seu filho; seguimos pelo difícil e inútil do aprisionamento, ela fala dos trabalhos, das vontades. O colega se aproxima, ajudando com as dúvidas de sua nota fiscal, ou isso que é a nota do processo. Nos agradece, diz, sincera, que se sente mais aliviada. “Que bom ele poder ter vocês com sol e alívio”, digo, saímos.

Fico um tempo olhando ao redor, circulo um pouco. Converso com a coordenadora da AMAR sobre projetos de teatro, ela planeja

conseguir um grupo que se apresente lá na festa junina da terça-feira. Dou indicações do que conheço, que bom pensar mais cor e vida naquele lugar – e olha que hoje tinha sol...

A coordenadora da AMAR volta comigo no carro e vai me contando relatos que presenciou no evento, de diversos estados. Cidades onde não tem DECA, então os guris são transportados e, por vezes, somem; relatos de violência e de tortura policial, história de uma unidade do que seria a correspondente FASE em que uma cela pegou fogo e ninguém abriu a porta para tirar os guris, depois alegaram que o cadeado estava muito quente e, por isso, não conseguiram tocar nele para abrir... cada vez mais o sol não parece condizente com o dia e as vidas que me habitaram nele.

DIA 16

O ÔNIBUS E A HERANÇA

FILA 01.09.2012

Nos apresentamos e uma senhora veio conversar comigo para saber se havia possibilidade de o desembargador dar procedência ao *habeas corpus* do filho, que foi interposto por advogado particular. Disse a ela que dependia muito do desembargador que julgasse. Depois, ela me contou como ocorreu o ato infracional. O filho dela roubou um ônibus junto com dois amigos. Ele cuidou da porta enquanto os outros dois pegavam as coisas. Ela me disse que a situação estava muito complicada na família, porque o pai do menino era policial militar e estava com muita dificuldade de entender como o filho tinha cometido um crime.

Depois dessa conversa, apenas mais uma mulher veio conversar com a gente para saber como proceder para conseguir ganhar pensão para o filho. Damos o telefone do SAJU para ela e recomendamos que procurasse os grupos do SAJU que trabalham com direito de família.

FILA 04.05.2013

Volta a falar aquela mesma mulher que disse sobre as audiências: “porque assim como tem policial e policial, tem mãe e mãe. O filho pode ter errado, mas a mãe não o abandona. Bate forte no peito e fala: é o meu filho... Essas mães aqui, a maioria é trabalhadora, sustentam os filhos!”.

E-mail enviado para o grupo Coletivo Fila no dia 10 de abril de 2016

Iansã

Essa música que eu canto agora eu fiz com Caetano, Bethânia gravou.

Chama-se Iansã e eu gosto muito dela.

Que é muito da gente mesmo, do jeito que a gente... sabe?

intui a existência

da imanência

da imanência e da transcendência

Um dia eu ainda vou me redimir por inteiro do pecado do intelectualismo

Se deus quiser

Não vou mais ter necessidade de falar nada de ficar pensando em termos dos contrários de tudo

pra tentar explicar às pessoas que eu não sou perfeito, mas que o mundo também não é que eu não estou querendo ser o dono da verdade

que eu não estou querendo fazer sozinho uma obra que é de todos nós e de mais alguém que é o tempo

o verdadeiro grande alquimista

aquele que realmente transforma tudo

Um pequenino grão de areia é o que eu sou.
Só que o grão de areia já conseguiu
sendo tão grande ou maior do que eu, ser bem
pequeninho
e não
não precisar se mostrar mais
fica lá: trabalha em silêncio
mas mineiro eu sou mais baiano ainda

senhora das nuvens de chumbo
senhora do mundo dentro de mim
rainha dos raios
rainha dos raios
rainha dos raios
tempo bom
tempo ruim

senhora das chuvas de junho
senhora de tudo dentro de mim
rainha dos raios
rainha dos raios
rainha dos raios
tempo bom
tempo ruim

eu sou o céu para as tuas tempestades
um céu partido ao meio no meio da tarde
eu sou um céu para as tuas tempestades

(Gil, 1973, documento não paginado)

FILA 29.09.2012

Nesse dia, a AMAR não pôde estar presente e, por isso, nós mesmas nos apresentamos. Depois de um tempo, a Angélica veio conversar com a colega do Coletivo e, então, ela me chamou para saber qual o tempo limite que um adolescente pode ficar internado no ICS. Disse a ela que o tempo máximo permitido de internação provisória é de 45 dias e, então, ela me disse que achava que ele já estava lá há mais tempo e nos perguntou o que podia fazer. Dissemos para ela procurar, o mais rápido possível, a Defensoria para ter certeza sobre a situação do processo e para fazer, o quanto antes, um *habeas corpus*, se fosse o caso. Depois, ela disse que ele foi acusado de homicídio e que, apesar de o amigo dele ter confessado o crime, ele continua sendo investigado porque tem uma foto no facebook onde ele parece estar com uma arma. Ela explicou que a foto está muito escura e que não tem como identificar se ele está mesmo com a arma. Depois, contou um pouco mais sobre a dificuldade de ter o filho internado e de como é difícil a espera. Parecendo mais aliviada, nos deixou para sentar e esperar a hora de subir para a casa.

Depois de um tempo, outra mãe, a Solandra, veio conversar comigo e com o Coletivo. Também Nos perguntou sobre qual é o tempo máximo permitido que um adolescente pode ficar na internação provisória, respondemos que o máximo é 45 dias e, então, ela nos disse que o filho dela está há bem mais tempo lá. Perguntou-nos sobre a possibilidade de ela mesma redigir um *habeas corpus*, pois a relação com a advogada, que é particular, não estava muito boa. Dissemos a ela que é possível, sim, ela entrar com *habeas corpus*. Falamos para ela procurar modelos na internet. A colega falou para ela quais os artigos do ECA ela poderia usar na peça. Depois, ela nos falou sobre o ato infracional do filho. Ele estava na carona, indo para uma festa, em um carro roubado, mas ele não sabia que era roubado. Ainda assim, está respondendo a processo por roubo com grave ameaça porque foi encontrada uma arma de plástico dentro do carro.

FILA 05.07.2013

Chegamos lá e estava chovendo. Esperamos a chuva dar uma amenizada e, então, fomos para as filas. A árvore gigante que tem lá protege o ambiente da chuva. Os familiares estavam conversando bastante e optamos por não fazer uma apresentação geral, mas, sim, específica nos grupos que já estavam formados. Nos dividimos em duplas.

Fomos falar com um grupo de cinco mães que já estavam em uma discussão bem aprofundada. Quando dissemos que éramos estudantes e estávamos lá para resolver dúvidas jurídicas e para falar sobre angústias, ansios, elas logo se animaram e começaram a expressá-las. Vou reproduzir frases delas que me lembro: “Essa casa de internação provisória é imunda. Não sei por que a FASE não toma uma providência. Se fosse necessário, a gente mesmo ia ajudar a fazer uma limpeza na casa, porque tá precisando!”. «É muito complicado esse lance de tráfico e da polícia, porque a polícia tá envolvida. Tá envolvida com os grandes, com o pessoal que comanda. A mesma polícia que prende nossos filhos é a que negocia com traficante rico”. “Não sei por que a FASE não monta um atendimento decente para os nossos filhos. O meu entrou com problemas de gagueira e saiu quase nem conseguindo falar. Eles têm que fazer uma coisa”. “Essas revistas íntimas são muito humilhantes. Independente se tu for criança, bebê de colo, tu tem que ser revistado. Eu sei que tem muita mãe que pode botar droga no bebê, mas tem que ter outro jeito de ver isso”.

Encontramos, nesse grupo, uma irmã de um interno muito enojada. Tentamos relacionar as angústias dela com a onda de manifestações que está acontecendo – isso não merece ser protestado? Seja na própria FASE, seja nas ruas, a certeza é que as críticas dela sobre violência policial, sobre abusos de poder no Judiciário devem ser visibilizadas. Perguntamos se ela seguiria na luta mesmo depois que o seu irmão saísse da FASE, e ela disse que sim (“Isso independe do meu irmãos estar na FASE ou não. Independe”).

FILA 05.10.2013

No último sábado, o Coletivo foi nas filas, juntamente com dois estagiários da Casa de Cinema, que filmaram alguns depoimentos das mães. Decidimos que cada um de nós ia falar com familiares de forma separada, já que tinha bastante gente nas escadarias.

Quando me apresentei para um pai e uma mãe de um adolescente internado como membro do coletivo, ele prontamente olhou pra mim e disse “me diz, por favor, que eu não vou ter que ficar pelado para visitar meu filho!”. Fiquei bem intrigado com a angústia dele da revista íntima. Falamos bastante disso, já que existem outros meios para fazer isso e a humilhação que os familiares são expostos deve ser considerada. Mas não é considerada. Se fossem revistar ricos em aeroporto, aposto que seria diferente.

Esse pai se interessou bastante pelo fato de eu estar cursando direito, disse que ele gostava de conhecer leis para poder cobrar dos poderes públicos. Disse que estava sendo acusado de desacato porque, em uma invasão de domicílio de policiais em sua casa, ele argumentou que eles não poderiam agir daquela maneira porque a lei não permitia isso. A lei estava a favor dele. Além disso, cometeu um ato-não-falho quando disse que conhecia os métodos da audiência, onde “o juiz julga e o promotor e o defensor acusam”. Não consegui questionar ele quanto a isso porque fiquei mudo, já que, no DECA, eu mesmo já vi o defensor concordando com o promotor.

Ele falou bastante de como a criminalidade e o tráfico de drogas estão atrelados. Ele mora na Zona Norte e disse que a ascensão do crack, a partir dos anos 2000, gerou um agravamento da violência. Disse que a maconha, atualmente, é moeda de troca, não vale mais nada. Expressou sua angústia quanto à grana que os adolescentes ganham no tráfico, embora gastem quase tudo nas próprias drogas. É difícil o jovem sair do tráfico porque ele não ganha quase nada no mercado de

trabalho. E, mesmo ingressando, segundo ele, o tráfico acaba sendo o complemento da renda mensal.

Minha ida, nesse final de semana, resumiu-se à conversa com esse pai, não coincidentemente, no sábado que mais vi pais nas filas. A preocupação dele com o filho, com a Justiça que não chega a ele, com a lei que está a favor dele (mesmo que de maneira contraditória), mostra que, quando falamos em filas, não estamos falando apenas de mães.

Entramos de carro, pediram que nos identificássemos e pediram para avisar o cabeça. Estava apreensiva, achando que não íamos conseguir entrar por causa do imprevisto da terça anterior, saber que o cabeça foi avisado soou como se estivéssemos fazendo algo ilícito. Além disso, notamos que as armas que os seguranças carregam estavam mais à vista que nas outras vezes. Aquelas armas e a postura dos guardas assustam. Chegando na fila, notamos que ela estava mais esvaziada. Acho que tinham, no máximo, cinquenta pessoas. De longe, reconheço uma das mães, ela frequenta a reunião de familiares do PPSC. Fico curiosa, será que ela me reconhecerá? Descemos do carro, nos aproximamos e, como de costume, não sabemos ao certo como ou pra quem nos apresentar. Nisso, uma mãe, que estava num bolinho com algumas outras, vira-se em nossa direção e nos pergunta o que vamos fazer ali. Aproximamo-nos, Perpétua me reconhece e se aproxima do grupo de mães com quem conversamos. Apresentamo-nos e a mãe que havia nos chamado reconhece o Coletivo, diz que umas meninas foram ali conversar com elas e faz alusão a ida ao CRDH. Entregamos o novo folheto, explicamos, brevemente, o trabalho e ela pergunta sobre a audiência do filho e a troca da casa. Conversamos um pouco sobre as suas dúvidas, ela agradece e Perpétua me chama, diz que queria conversar comigo. Eu e a Perpétua vamos para outro lugar e minha colega segue conversando com aquele grupo. Perpétua me abraça e diz que o pai de seu filho veio de Montenegro fazer uma visita para o adolescente, fazia sete anos que pai e filho não se encontravam. Desde que Perpétua e ele se separaram, pai e filho perderam o contato. Além do pai do adolescente, a avó materna do adolescente também veio para a visita, o problema é que somente duas pessoas podem entrar. Perpétua, então, me pede para conversar com a assistente social, dizendo que a casa já abriu uma exceção permitindo que um jovem recebesse mais do que duas visitas. Combino que, assim que a assistente social chegar, vou conversar com ela. Perpétua me

conta sobre o processo pelo qual está passando, é a primeira vez que seu filho fica internado, ela sente a sua falta, diz, inclusive, que sente falta de brigar com ele pelo controle remoto da televisão, que a casa está vazia e a vida dela sem sentido. Conta que, nos primeiros dias de internação, ela se desorganizou de tal forma que não estava nem conseguindo fazer as suas faxinas; na véspera dos dias de visita, ela mal consegue dormir de noite e, por volta das seis horas da manhã, já está esperando para pegar a ficha da visita. Que pena ter encontrado ela na fila, preferiria que ela não precisasse estar ali e que seu filho seguisse o cumprimento de medida em meio aberto. O reconhecimento de Perpétua e a associação que ela fez entre o Coletivo e a UFRGS (PPSC) deu legitimidade e força para que eu estivesse ali. Despeço-me dela e vou conversar com outras mães. No deslocamento, a primeira mãe com quem conversamos me para e agradece o trabalho, eu digo que estamos lá às ordens e abertas para seguirmos conversando, ao que, prontamente, ela me responde dizendo que “já falei tudo e mais um pouco pra a tua colega”. Sigo caminhando mais um pouco e encontro a colega sentada com um grupo de sete ou oito pessoas conversando, a conversa segue animada, acompanhada de alguns risos. Pelo que eu entendi da situação, um grupo de mães está feliz por reencontrar o pai de um dos adolescentes internados. Parece que o pai de um deles foi morto e, como nenhuma das mães encontrara aquele homem na semana anterior, temiam que ele tivesse sido o pai assassinado. A conversa segue o rumo dos filhos, das suas “artes” e dos limites/sustos que lhes podem ser impostos. Esse mesmo pai fala que gostaria que seu filho tomasse um susto para aprender, um susto grande o suficiente para que ele quisesse largar “essa vida”, mas não tão grande a ponto de não ter mais vida. Converso com mais algumas mães, entrego o folheto, mas não estabeleço muitas conversas. O que mais marcou, nessa ida, foi uma senhora que, após assistir a minha tentativa frustrada de conversar com a assistente social para negociar uma terceira visita para o filho de Perpétua, me perguntou quem eu era e o que eu fazia ali. Expliquei, brevemente, e lhe perguntei se ela precisava de alguma ajuda, ela respondeu dizendo que não e disse que só ficou curiosa porque não estava acostumada a ver pessoas naquele espaço fazendo coisas por elas.



DIA 22

MATERNAÇÃO

Para Magnolia e todas as outras mães que seguem na luta por seus filhos.

“Elas falaram pro meu filho que ele era marginal e que marginal não tem mãe.”

Magnolia veio de Sapucaia, acordou às cinco e meia, pegou o trem às seis, atravessou a cidade para chegar ali às sete e só poder entrar depois do meio dia. Essa é sua manhã de sábado, véspera do dia das mães. Magnolia me conta que sempre foi muito cuidadosa com seu filho, que ligava sempre para ele para saber onde estava, mas que tinha limitações e precisava trabalhar para pagar a “casa da dilma” (programa Minha Casa, Minha Vida). Acredita em seu menino. Cuida sozinha dele e de mais outros três. Sabe que este que está ali errou, mas que nada justifica o jeito que está sendo tratado. Conta que foi difícil demais ver seu menino todo espancado, com olhos roxos e cheio de marcas da violência dos brigadianos que o pegaram. Conta da unha do dedo do pé dele que está caindo. Falo para Magnolia de um novo centro de denúncias que foi criado, que poderia passar o número para ela. Conto um pouco do serviço que há lá, que ela pode denunciar qualquer órgão do estado. Pergunta-me se contra a FASE também, falo que sim. Magnolia passa a me contar dos absurdos que fazem com os meninos. Conta das surras dos monitores e da humilhação e da tortura psicológica que eles sofrem. Fala sobre a revista, não consegue entender o porquê de tanta humilhação. Elas já têm que passar pela revista quando entram, por que os adolescentes têm que passar também quando saem então? Mas o que mais incomoda Magnolia é o tal almoço preparado para o dia de hoje. Para que elas tivessem tal almoço em comemoração à data de amanhã, seus filhos ficaram sem lanche. “Que dinheiro público é esse que eles podem decidir o que fazer assim desse jeito?”, me pergunta. “Eu não quero almoço se é para meu filho ficar sem comida.”, fala. Magnolia, revoltada e indignada com o que o Estado faz com seu filho, me conta que apenas queria estar com ele amanhã. Magnolia escutou que não era mãe, pois marginal não tem mãe.

Mas se Magnolia não é mãe, não sei mais o que é ser.

FILA 10.05.2014

Vejo uma mãe chorando e percebo que Flor, a mãe que estava conversando comigo e com a Solandra vira para nós e diz: ela não sabia que tem que ficar nua, é a primeira vez dela – e então a abraça. Solandra diz que também é sua primeira vez. A mãe que estava chorando fala: mas por que fazem isso com a gente? Completamente nuas? Não é só os guris que recebem apoio de outros... Flor, sutilmente, acalma essa mãe.

Essa mãe desce e Flor se aproxima de mim novamente, me conta que conhecia essa outra mãe de anos, os filhos se conhecem desde pequenos. Ninguém deseja se reencontrar ali, mesmo assim, afirmo a Flor: para ela deve ter sido bom ver um rosto conhecido aqui. “é... é sim”. Flor parece muito tímida, fala pouco mas esboça sorrisos quando falo com ela. Reforço, então: “que bom que tu ajudou ela”.

Solandra aparece e cumprimenta outra mãe, “o tá aqui?”. “Sim”, responde a outra, “e o outro tá no presídio”. Outras mães se conhecem. Estranho encontro esse... estranho como pode ter tantos sentimentos juntos: raiva do policial, raiva do filho, culpa de ter feito alguma coisa, de ter deixado de fazer alguma coisa... enquanto umas se afastam, outras se aproximam, umas gritam, outras silenciam. Enquanto umas choram, outras riem, esbanjam bom humor e falam, ironicamente, de algumas situações.

O assunto da revista vexatória volta: “eu ia trazer minha mãe aqui, mas, quando ela soube isso, ela disse que não fica nua nem na frente do médico, imagina ali! E começam a rir”....

Ouçó, de canto, um pedaço de uma conversa: “falei com ele no telefone, minha mãe, atrás, disse pra mandar um beijo pra ele e meu pai pra mandar um soco ‘oh, filho, tua vó tá mandando um beijo e teu vô tá te mandando um soco’”. Momento para risadas. De piada em piada, escutamos o que se passa por trás da fila, o que se passa em casa... o que é o afeto de uma mãe, o que só uma mãe sente.

Solandra diz: “não tenho como saber onde meu filho está 24h por dia, eu trabalho, então tenho que confiar nele. Eu sempre deixo recados: ‘filho, tem comida no forno, a mãe volta mais tarde. te amo’”.

Agora as senhas do 20 ao 30 são chamadas, Solandra entra correndo, sem tempo para despedidas. Flor tinha a senha de número 43, esperaria mais alguns minutos. Aproveito o tempo para me despedir dela, “Sei que é um ano diferente, mesmo assim, desejo a vocês um feliz dias das mães, apesar de tudo vocês estão aqui com eles....”. Flor abre um sorriso envergonhado e diz: “obrigada”.

FILA 24.05.2014

Chegamos, nos apresentamos e fomos bem recebidas. “Elas vão nos tirar dúvidas”. Logo o marido da Dália, que achava que fossemos apenas curiosas, disse que iríamos embora com medo depois de tanta coisa horrível que tínhamos para ouvir. Dissemos que estávamos ali para isso.

Logo, a Dália disse que o caso do filho deles era tranquilo, que eu deveria era conversar com outra mãe, a Dália Rodriguez. Pedi que ela nos apresentasse e ela foi para o grupo de mães: “Essa é a *Coletivo*, ela veio aqui para nos escutar”. Nesse grupo, estavam a Dália Rodriguez, a Iris Cristina, a Beta e a Cassia Adriana.

“Isso aqui é tortura!”, disse Isis. Ela estava indignada. Contaram que seus filhos estavam tomando banho gelado, reclamavam de fome e de frio. Mesmo com o inverno, só podiam deixar dois casacos e duas calças pros guris e eles estavam cada vez mais magros. Dália disse que, no dia em que foi ver seu filho/neto lá, pela primeira vez, não pode acariciar sua cabeça, pois as orelhas estavam cheias de feridas feitas pelos policiais “Maurício e Mendes”. Isis complementou dizendo que os policiais espancavam os guris depois do “exame delito”. Beta contou que seu filho dormia em colchão molhado. “Pegaram implicância com ele. Só pode. Apanha todo dia, e por nada. Isso não vai ficar assim, não mesmo”.

As mães começaram a conversar entre si, compartilhar sentimentos e experiências.

Foi se aproximando da hora da entrada e algumas outras mães foram subindo.

“Ô *Coletivo*, me liga mesmo viu? Isso aqui é urgente”. Me disse a Iris Cristina.

FILA 24.05.14

Já faço parte do Coletivo há um ano, no entanto, este é o primeiro relato que escrevo. Não deixei de fazer por descaso, preguiça ou esquecimento, mas, sim, por não encontrar as palavras que poderiam descrever, explicar ou enumerar o que se produz quando me encontro com aquelas histórias. É difícil encontrar legitimidade para essas experiências e suas histórias. Incontáveis vezes (não) escutei “mãe sempre diz que o filho é inocente”, “se não fosse culpado, não teria ido parar lá, ninguém vai preso por nada”, “não dá para acreditar em tudo o que essas pessoas dizem”, etc. Acho que não escutar essas frases foi o que me permitiu seguir indo à fila e dar continuidade a esse trabalho. Difícil é saber o que fazer com aquilo que escuto. O sentimento de impotência parece acompanhar o cotidiano do trabalho, todos os sábados, depois que as mães se encaminham para a visita, volto para a casa com aquilo que ouvi borbulhando na minha cabeça. Impossível não pensar que estou mais envolvida nessas histórias que a minha participação no Coletivo parece indicar. Ao contrário daquilo que o senso comum, irresponsavelmente, espalha, aquelas mães trabalham muito, ganham pouco e fazem “tudo o que eu posso pelo o meu filho”. “Eu nem dormi, saí do serviço e vim direto pra cá. Se eu não vier visitar, quem vai?”, dizia uma mãe que, apesar de muito cansada, esperaria mais algumas horas para poder ver o seu filho caçula. Enquanto aguardava, traçava planos para a vida do filho depois que ele saísse de lá. “Ele tava trabalhando, o chefe dele disse que vai esperar ele sair daqui para assinar a carteira dele.”. Divide comigo o quão difícil é ser acusada de ser mãe de um adolescente em conflito com a lei. Conta-me de ser acusada pela juíza de não ser uma boa mãe e mais, de ser a responsável pelo fato do seu filho ter cometido os atos infracionais que cometeu. “Eu não posso amarrar o meu filho no pé da cama”, ela me dizia. Foi difícil ouvir daquela mãe o quanto o envolvimento do seu filho com atos infracionais respinga nela e faz dela, não mais uma mãe de filho adolescente, mas, sim, um ser terrível que foi capaz de

gerar um filho responsável por ações ilícitas. Se a sua história e seus relatos fossem descolados da especificidade do ato infracional, a sua fala poderia ser atribuída a qualquer mãe de adolescente e o comportamento de seu filho como fazendo parte desse momento particular da vida moderna: a adolescência.

FILA 10.05.2014

Chegamos onde os familiares esperam serem chamados para a visita e já fomos interpeladas: "Vocês têm que pegar a ficha lá em cima". Respondemos que não estávamos ali para a visita, que éramos um grupo da UFRGS, que ia nas filas quinzenalmente, talvez algumas delas tenham conhecido os nossos colegas que foram lá há 15 dias, uma mãe disse que encontrou com eles, então, nos perguntam o que fazemos ali, respondemos: "estamos aqui para escutar vocês". Elas dizem: "que ajudas vocês prestam?". Respondemos que escutamos elas e ajudamos na medida do que é possível, assim, algumas mulheres começam a falar: **"Eu quero ajuda para tirarem meu filho daqui!"**.

Uma mãe, que estava próxima, perguntou onde a gente trabalhava, ela queria saber a localização, se era perto da redenção. Quando confirmamos, ela disse que o filho dela estava cumprindo PSC ali, disse o nome do filho. Falamos que acompanhamos ele durante um tempo. Ela diz que ele se envolveu de novo com uns amigos e caiu. Perguntei se ela já tinha falado com alguém do PPSC e ela disse que não, que queria ter ido na reunião de familiares, mas não conseguiu e me perguntou que horas era a próxima. Falei que se mantinha no mesmo horário e que o pessoal do PPSC ia avisar ela quando tivesse próxima da data.

Solandra (a primeira a falar que queria que tirassem seu filho de lá) continuou ali por perto, de vez em quando, em tom de indignação e de raiva, falava alguma coisa e se virava como que para ir embora, mas, no minuto seguinte, ela estava ali falando de novo. Bem aos poucos, consigo ir dirigindo a fala a ela, no início, ela não responde e continuo na conversa com outras mães. Sinto que ela quer ser escutada, mas se fecha. Tem medo. Medo de mostrar que não é tão forte assim, medo de mostrar que tem medo do que pode acontecer, que não consegue dar conta de tudo. Fala que as coisas não mudam, só

pioram... “mas vamos continuar lutando para que as coisas mudem, não podemos nos acostumar”, eu digo... Ela tem medo, mas também quer ter esperança...

Solandra fala que os mais velhos que fazem o crime junto com os adolescentes estão soltos por aí, sempre se safam e vão continuar fazendo isso, “os menores que pagam”. Em outro momento na fila, ouço de outra mãe: “Eles recebem apoio dos mais velhos quando tão aqui, dinheiro”. Lembro de um adolescente que acompanhei quando estava em internação e que me contou que eles recebem 50 ou 100 reais (não lembro direito) por semana dos “cara de cima”. Dívida que, para ser saldada, implica outras tantas...

“E também lá fora não fazem nada por eles... a gente tenta dar uma boa educação, botar na escola... mas a gente não tem ajuda. Esses programas só se mexem pra fazer o guri cumprir uma medida, mas o que fazem depois que ele sai?”. Solandra fala que já foi ao CREAS diversas vezes. Está falando de possibilidades e de oportunidades para os adolescentes, está falando de programas e de políticas, da falta deles. Afinal, a que o jovem de hoje da periferia tem acesso? Saúde, educação, escola, lazer? Que políticas têm para o jovem depois da medida socioeducativa? E para quem nunca teve medida?

Rosaura fala sobre a revista, seu filho que está no presídio, que o neto trabalha em um restaurante no centro, que foi pego porque não foi trabalhar, que não recebia há quatro meses. Fala sobre a humilhação da revista, que tiram as roupas dos bebês também. “Quero tirar ele daqui quanto antes. Ele trabalha, não está podendo ir para o trabalho”.

Escuto ela comentar, de canto, para outra mãe e me olhando: “Eu ia trazer o bebê, mas eles revistam a criança também. Tiram a roupa do bebê também, uma criança de nove meses. Acho que não vou trazer”.

Mãe de vermelho: “eu sei que meu guri errou e ele tem que pagar, mas eles fazem muito errado, eles batem nos guris, depois eles saem daqui mais revoltados. No meio de muitas falas, escuto uma frase muito familiar (em outras filas, já a escutei): “Só porque vestem uma farda, acham que podem tudo”.

Se aproxima o horário de as senhas começarem a ser chamadas e algumas mães se dirigem para perto do portão. Duas que estavam

falando com a gente foram para lá e não peguei o telefone delas. Vou atrás delas. Quando as encontro, falo que gostaria de pegar o telefone delas para passar mais tarde um telefone de um serviço onde elas podem denunciar o que nos falaram, um centro de referência em direitos humanos. Vera, a mãe de casaco vermelho, vira para trás e anuncia para as outras mães na fila “ela tem um lugar em que podemos denunciar a violência que nossos filhos sofrem”. Forma-se um grupo de mulheres em que várias querem me passar seus telefones. Dessa vez, elas fazem fila para que eu consiga anotar o telefone de todas. E elas começam a falar sobre a violência cotidiana em suas vidas. Uma me pergunta: “Esse centro é só para violência contra menores?”, respondo que não. Uma mãe nos diz: “Meninas, vocês estão mexendo com algo muito perigoso. Vocês são corajosas, vocês não têm medo?”. Outra mãe começa a narrar sobre sua tentativa de defender seu filho contra as agressões da polícia: “Abri minha boca para reivindicar e eles começaram a me bater”, aponta para as suas canelas, “bateram na minha canelinha até não poder mais, as minhas canelas fininhas, olha para elas! Ficaram roxas, quase pretas”. Outra mãe grita: “Espancaram meu filho no DECA também!”, outra diz, logo depois: “Um policial civil teve que intervir, pois os brigadianos estavam batendo nele com uma barra de metal e, se ele não tivesse intervido, eles iriam matar meu filho de tanto bater nele”. Outra mãe completa: “Se eu, que sou mãe, não bato no meu filho, qual o direito do brigadiano bater nele?”. Rosaura, que me falava antes sobre a humilhação da revista, fica repetindo: “Vou perguntar para o meu menino, quando ele entrar, se machucaram ele. Eu vou perguntar para ele!”.

Ao longe, um barulho e uma mãe fala: “Escuto qualquer barulho e penso que é som de balas”, e começa a falar sobre a violência da polícia e do tráfico onde mora.

Chamam algumas senhas e algumas das mães que estavam conversando com a gente se despedem, Solandra grita: “Feliz dia das mães para vocês”. Nisso as mães que continuaram esperando começam a falar, uma mãe diz: “Só o que falta eles nos darem rosas ali dentro, eu vou jogar na cara deles se fizerem”, outra rebate: “Eu quero receber rosa. Vou botar no meu cabelo para ficar bem bonita”. A outra mãe responde: “Eu não quero pensar nesse dia das mães, não

enquanto ele estiver aí dentro. Amanhã vou me fechar em casa e não quero ver ninguém”.

Cena do DECA - sobre a diferença da classe social do sente no cheiro, falando um português bonito, que tu via que era alguém que tinha dinheiro.

Mãe falando sobre não existir fórmula de ser mãe. Depois conta que ele estava fora de casa e que ligava para ele e pedia para ele voltar. Já fazia três meses que ele havia saído de casa. Outra mãe se emocionando ao lembrar do abraço do filho mais rebelde, que está na FASE.

Chegamos no ICS e fomos para o espaço onde ficam os familiares. Depois de algum tempo, nos apresentamos. Logo, alguém já começou a falar com uma de nós. Entreguei alguns panfletos e, de repente, uma mulher me perguntou se era só a outra colega que respondia. Disse que não e, então, ela começou a me falar sobre o caso de seu filho. Foi pego durante um assalto a um carro. Estava indo para uma festa e participou de um assalto com outros amigos para ter dinheiro para gastar na festa. Disse que era o primeiro ato dele e que ele já estava ali há dois meses. Mesmo com a sentença, ele não foi transferido de casa. Ela disse que tão segurando mais os guris por causa da copa. Me perguntou se ele tinha chance de sair. Disse a ela que dependia da avaliação dele, de como foram esses meses dentro da casa, de como a juíza ia interpretar isso tudo. Disse a ela que o fato de a família estar por perto e de ele estudar conta muito para ele poder sair o quanto antes. Vi que ela ficou um pouco aliviada. Depois disso, ficamos mais um tempo conversando. Ela me contou sobre a relação dela com o filho. Que ele conta as coisas pra ela. Paramos de conversar e fiquei por um tempo sentada num canto ouvindo as palavras que se destacavam naquele mar de falas. Nessa fila, me dei conta de que o lugar onde ficamos muda muito o contato que criamos com as pessoas (pensei isso na fila e a colega falou isso na reunião de segunda). Fui para vários lados e, por três vezes, fui chamada pelos cantos para responder alguma pergunta pontual. Uma hora sentei no banco e a mulher que tava sentada puxou conversa comigo. Acho que, pela primeira vez nesses dois anos de trabalho, conversei, simplesmente, por conversar. Me senti acolhida. Fiquei com a sensação de que já não permanece mais aquele estranhamento da primeira vez e que consigo me colocar nesse lugar como parte dele, podendo propor atividades, como as oficinas

que deixamos um pouco de lado ano passado. Acho que agora consigo estar mais lá, quando estou lá, e menos lá quando não tô.

A promotora foi horrível. Acho que ele mentiu. Levava o guri pra viatura. Ontem de noite quando eu deitei... Olho praquela ficha, ninguém quer trocar comigo. Tão segurando mais por causa da copa. Tavam pegando dinheiro do meu filho, eu peguei e gritei!

DIA 28

o silêncio fala pelos olhos?

a boca fala o que o silêncio diz?

silêncio nos olhos
sorriso nas bocas
silêncio nas bocas
sorriso nos olhos

Cheguei apreensiva. Estava um pouco atrasada (uns 15 minutos) e, por um momento, tive medo de que os colegas já estivessem falando com as mães e eu ficasse muito deslocada. E esse foi o sentimento que eu tive durante quase todo o meu tempo ali. Não que tenha sido ruim. Pelo contrário, minha apreensão do início se transformou numa espécie agradável de conformidade. Acho que a potência dos encontros está, de fato, na alteridade, em deixarmos-nos tocar pela diferença (às vezes gritante) entre nossos eus-indivíduos e é a partir disso que os diálogos – com quaisquer pessoas, mas, nesse caso, com as pessoas na fila do ICS, têm algo a mover (nelxs, em nós, nos instituídos em que tentamos provocar fissuras). Assim, dando-me, aos poucos, conta do deslocamento em sua legitimidade e em sua potência, vivi aquele momento.

Logo na entrada, estava o colega debaixo de garoa. Ele entrou no meu carro e, quando começamos a falar sobre a colega, ela chegou. Passou na frente e aquilo pareceu fazer mais sentido e ser mais fácil, pois ela nos introduziu. Quando entrei, perdi o carro dela de vista e subi o morro para estacionar lá em cima. Não a avistamos. Liguei. Ela disse que tinha estacionado o carro lá embaixo e estava subindo a pé, como havia sido combinado no início das ações do Coletivo. Eu não sabia do combinado. Olhei pr'aquele monte de mulheres e aqueles pouquíssimos carros e pensei que talvez tivesse justamente a ver com essa demarcação de uma diferença. Olhei para as minhas roupas. Diferença. Lembrei dos relatos que eu já tinha lido e de como alguns deles iniciavam: com as pessoas do Coletivo serem reconhecidas como *outras* antes de apresentarem-se. Acho que foi ali que se iniciou a minha aceitação da inevitabilidade de me sentir deslocada.

Quando a Cecilia chegou ali em cima, descemos do carro e fomos para debaixo do telhado, onde estavam quase todas as pessoas, se protegendo da chuva. Muitas mulheres, algumas poucas adoles-

centes, uns dois ou três homens. Uma menina inquieta que fazia muitos sons agudos, aparentemente, interpretando algum personagem. Mais à frente no tempo, ela se utilizou de dois guarda-chuvas como muletas, simulando alguma fraqueza nas pernas.

Conversamos entre nós três, a colega explicando as diferentes formas de abordagem/apresentação que o Coletivo já utilizou. Todas pareciam exigir um grande esforço para serem executadas, porque a sensação de deslocamento agudiza a minha timidez de uma maneira quase paralisante. Não lembro bem disso, mas, se bem me conheço, em algum momento devo ter pensado que, se eu ficasse muito nervosa e meu intestino respondesse com a habitual irritação, eu teria uma desculpa para fugir daquele desconforto.

Demos sorte e uma mulher perguntou se não tinha sido a colega quem ligou para ela. Assim nos introduzimos. Não tinha sido ela nem ninguém do Coletivo, era uma mera coincidência. A colega explicou quem éramos e o que fazíamos ali.

A Liri lembrou de nós de uma outra fila e começou a falar. Os colegas foram e voltaram e eu fiquei muito tempo conversando com ela. Um pouco pela avidez dela em contar muitas coisas, um pouco pelo meu travamento em iniciar uma conversa com outras pessoas. Estava confortável ali.

Uma das muitas coisas que ela contou foi que, antes de seu filho ser pego, ela assistia ao programa Balanço Geral e ouvia o apresentador falar que os menores infratores viviam no maior conforto quando eram presos, que comiam até lasanha e que isso era um absurdo. Eles não mereciam regalias, tinham é que sofrer pra aprender. Ela concordava. Agora, visitando seu filho na FASE e sabendo, através dele, como as coisas são lá dentro, discorda. Está, inclusive, reformando o quarto do guri e de seu irmão, para quando ele sair da FASE ser bem recebido, ficar feliz, gostar de estar em casa. Pegou a TV pequena para si e comprou uma grande para os filhos. Trocou o forro do teto, os colchões. Comprou novos lençóis. Fez muita faxina para pagar essas coisas. Além do dinheiro das faxinas, recebia, do INSS, uma pensão, devido à morte do pai dos adolescentes (ou terá sido à prisão dele? Não lembro muito bem e acho curioso que eu tenha confundido uma coisa com a outra). No entanto, desde que seu filho foi internado, o INSS suspendeu essa pensão. Ora, como se ela deixasse de ser mãe,

ou eles deixassem de ser filhos. Ela quer ir atrás disso, mas não sabia onde. Na ocasião, não me dei conta de dizer a ela que procurasse a Defensoria Pública... Todavia, como ela falou também de várias outras violações de direitos – inclusive sobre violência policial –, recomendei a ela que procurasse o CRDH e disse que lá, provavelmente, não resolveriam o caso do INSS, mas que, com certeza, a encaminhariam para um serviço que se propusesse a ir atrás disso. Mencionei que a ligação para lá era um 0800, grátis. Ela guardou o folder e disse que iria até lá pessoalmente.

A conversa com Liri às vezes se coletivizava e virava uma conversa com as mães que estavam próximas também. Em algum momento, elas comentaram que, entre os filhos das quatro, apenas um não tinha apanhado da polícia. Era o de uma mulher com uma expressão muito cansada. Ela disse que era sua primeira vez ali, que seu filho tinha sido pego na quinta. Que isso ocorreu perto de sua casa e que ela saiu correndo quando ficou sabendo, foi na frente da viatura para obrigar ela a parar e depois pegou um táxi pra ir atrás. Acredita que só por isso não agrediram seu filho. Outra mulher, de rosto muito magro (muito mesmo!), disse que até choque seu filho levou. Ela falava com muito amargor (e como não?).

Liri sugeriu a nós que entrássemos no ICS para falar com os gu-ris, para sabermos o que acontece lá dentro. Eu disse a ela que, através de outros grupos dos quais eu faço parte, entro lá e falo com eles, e que falo com os que estão em meio aberto também, mencionei o livro do PIPA⁷ e o fato de que alguns verbetes foram escritos por adolescentes em MSE. Ela achou muito bacana.

Comentou um pouco sobre o funcionamento da visita. Que pegam ficha, ficam ali esperando e, quando começam a entrar, é de dez em dez. Disse imaginar que, quando comessem a ser chamadas, teriam que esperar um pouco na chuva. Contou que lá dentro precisam se despir completamente, mesmo no frio. De frente, abrir as pernas e os braços, virar de costas, apoiar as mãos na parede, agachar. Nem as crianças escapam. Não pude evitar que meu olhar escapasse para a menina que brincava de ter pernas fracas. No retorno, meus olhos

7 LAZZAROTTO, Gislei Domingas Romanzini et al. *Medida Socioeducativa: entre A & Z*. Porto Alegre: UFRGS: Evangraf, 2014.

passaram para a mãe que estava ali pela primeira vez, sentada ao lado de Liri e ouvindo tudo o que ela dizia.

Eventualmente, esgotamo-nos do diálogo e fui em direção à colega, que conversava com outras pessoas. Um casal, parece-me. Logo o colega se reuniu a nós e acabamos conversando mais um pouco só nós três. Vimos a hora, em torno de 13h20, as mães já começavam a entrar. O Guilherme disse que iria circular e conversar com mais pessoas e eu novamente pensei no meu deslocamento e na minha timidez (agora já conformada).

A colega foi se apresentar para um novo casal, acompanhado de um rapaz, e eu me meti no meio. De início, pareceu que a conversa não renderia. Elxs nos olhavam meio atônitas e acanhadas. Não lembro bem como, mas algo que a mulher disse me deu um gancho para fazer uma pergunta e aí começou um diálogo. Eram do interior e estavam bastante confusos, nunca viveram aquilo. Era sua primeira vez ali também. O rapaz também era seu filho e teria que ficar de fora. Veio junto porque não sabiam que apenas duas pessoas poderiam entrar. Durante a conversa, surgiram algumas dúvidas delxs, que eu e a colega tentamos tirar. O irmão estava calado. Os pais decidiram se encaminhar para a entrada do ICS, percebendo o esvaziamento do espaço e nos pediram que falássemos as coisas ao irmão. Falamos. Foi um roubo, com um adulto, e parece que a vítima os reconheceu juntos na delegacia, mas o irmão não tinha certeza. Disse a ele que isso não era um procedimento correto e que, se foi mesmo assim, eles tinham que pedir para o defensor utilizar isso como argumento na defesa, que ele deveria fazer um *habeas corpus* e expliquei o que é esse documento. Acho que eu já tinha dito isso para o pai e a mãe também. O irmão não tinha certeza do que tinha acontecido, não consegui falar com seu irmão desde que ele foi pego...

O espaço tinha quase terminado de se esvaziar quando fomos embora. Antes disso, atentamo-nos aos cartazes que estavam colados nas paredes. Festa de São João, no dia 17, a casa ia fornecer o lanche e haveria um telão para assistirem ao jogo do Brasil. Normas sobre a entrega de roupas. No inverno, pode umas peças a mais. A Liri tinha me contado que polaina não pode, que ela nem sequer poderia entrar com a sua, porque se os guris pegam eles dão um nó na ponta e usam como touca, e touca não pode, mas boné sim.

FILA 26.04.2014

O desconhecido angustia. Passar por novas experiências é se permitir ao desconhecido e sentir a barriga falar, ficar nervosa por não saber o que se vai encontrar. Sábado indo para a fila foi assim: no percurso até a FASE, essa sensação de inquietação: o que esperar sobre essas pessoas que esperam? Que aspecto de não-fila pode ter a Fila de espera? Mas toda fila e espera para mim já é uma angústia.

Fomos ao ICS entre quatro pessoas. Duas eram estudantes da psicologia e tinham que fazer um trabalho de observação, por isso nos acompanharam nessa que foi a minha primeira ida à fila e também à FASE. No caminho, planejamos o que iríamos fazer e como seria nossa abordagem. Depois de o planejamento sair do mundo das ideias e chegarmos lá... O estranhamento: estranhar, a si e aos outros, para poder conhecer, ou se aproximar, ou se afastar. Os presentes ali – mães, tias e tios, mas ainda assim mais mães – olharam com olhar de estranhamento quanto àqueles quatro seres que chegaram ali de mãos vazias, sem sacolas, com uma caixa (?) e se colocaram à frente. ...Há de se estranhar. E nós também as estranhámos, olhamos para os olhos que nos olhavam e olhando para elas pedíamos um espacinho para falar. Após nos apresentarmos, passei entregando alguns folhetos e nisso um casal me chamou. Eles queriam saber algo sobre o processo, eu não sabia e chamei a colega. Nisso, fui conversar com três mulheres – duas eram mães e a terceira não sei afirmar –, não lembro exatamente como cheguei até elas, mas me reuni ali junto – talvez tenha sido porque ia lhes mostrar a imagem da oficina sobre violência policial, porém, a partir de uma dúvida dela, acabamos conversando.

Elas perguntaram se havia como separar os guris rivais lá dentro da unidade, porque elas estavam com medo que os filhos se metessem em confusão e alguém não saísse vivo. Falaram também da agressão por parte de alguns agentes e se não teria como os guris mudarem de casa, por questão de segurança. Uma das mães desse grupo

de três, me olhava e falava e seus olhos traziam um mar: de angústia, de dúvidas, de não saber o que fazer, porque nada do que ela havia feito mudou. *“Se não tem nada pra a gente fazer a gente não faz nada né?”*. Nesse momento, estavam eu e os colegas que estavam fazendo a observação para o estágio escutando essa mãe e ela nos falou tanta coisa, derramou em nós sua fala de uma forma que me soava única: era indignação e também conformismo com um sistema burocrático intransigente distante. Parecia que ela já tinha entendido que ninguém se importava com a história dela e de seu filho e, por isso, nos falava tudo o que gostaria de falar, de denunciar, de gritar de outras formas.

FILA 29.03.2014

No carro indo para lá, começamos a planejar como ia ser a nossa apresentação para as mães, que ficou acertada que seria paralela à entrega de folhetos, para chamar mais atenção. Chegando lá, o segurança da frente, novamente, perguntou quem nós éramos e o que faríamos nas filas da FASE. Explicamos e partimos.

Nas filas, nos apresentamos, entregamos os folhetos e, prontamente, um casal veio explicar sua situação para mim (ao mesmo tempo em que a colega é chamada em outra roda). O casal veio contar a história de seu neto, que é acusado de lesão corporal e de tentativa de homicídio contra seu padrasto. A avó falou então que estava com medo porque, mesmo a verdade sendo tão óbvia para ela e para as mães, a audiência do DECA limitou-se a um achismo do promotor e do juiz. Ela disse que o defensor até tinha pedido absolvição, mas bastou o promotor dizer para o adolescente “então tu queria matar um cidadão de bem como teu padrasto?” (sem nem conhecer o padrasto) para o juiz se convencer. Ficou a impressão de que a verdade não basta para a Justiça.

Começamos, a partir desse caso, a fazer uma roda de conversas, já que todos/todas familiares se interessaram pela história dos avós. Nessa hora, outra avó começou a narrar, rapidamente, a história do seu neto e disse que a primeira audiência tinha sido dia 10. Perguntei o mês e ela: “De janeiro”. Nessa hora, não precisei eu, o tal estudante de direito dizer, outra mãe disse: “Mas o limite da internação provisória são 45 dias!!!”. Pois é, explicou a vó, mas tudo em nome de uma demora na tal de perícia, ele tá há quase três meses aqui. Nisso, uma outra mãe: “Não, não é por causa da demora da perícia; é porque a gente é pobre e eles sabem que podem desrespeitar lei assim”. Fiquei parado sem resposta, mas disse que isso enseja *habeas corpus*, que a partir do primeiro dia após o 45º há uma ilegalidade que o Judiciário deve corrigir, liberando o adolescente para responder o processo em

liberdade. Me perguntaram, então, se ter advogado particular ajuda no processo. Fiquei parado sem resposta de novo. Não sabia responder e nem sei responder porque a maioria das histórias que conheço não são de um bom acompanhamento dos casos. Uma mãe começou a falar “em outro processo, contratei um advogado e não serviu para nada”, a outra: “na audiência do DECA ele não serve para nada mesmo; não tem como reverter nada no DECA, mas no Foro sim”. Acabei dizendo que depende muito do advogado, mas que, a partir do momento que tu paga um advogado, tu pode exigir que ele faça o HC caso estoure o prazo de internação provisória, tu pode requerer as peças para ver se ele fez direito, etc.

Nisso, a Melissa, vó que já havia conversado com a colega sábado passado, começou a explicar a situação do neto. Disse que os policiais invadiram sua casa, bateram no guri e o acusaram por posse ilegal de arma e tráfico de drogas. O avô, que estava com ela, disse que, quando eles entraram, o guri disse que não era envolvido e que até era MC (ele ia gravar CD), o que causou um aumento na agressão. Os dois começaram a me questionar a razão do tamanho preconceito com o fato do adolescente ser MC, já que isso vale também para o Judiciário – segundo eles, pega mal o promotor e o juiz descobrirem isso porque vão achar que é apologia (foram eles que usaram essa palavra, não eu). Começamos a fazer uma análise coletiva disso, junto com os avôs do primeiro caso: por que a polícia e a Justiça desconfiam do rap e do funk se isso é a maior manifestação cultural do nosso país?

Melissa falou então que correu atrás de defensora pública, mas que não adiantou nada. Disse que elas pareciam que não entendiam nada; disse que fez o que pode, mas que não consegue admitir que o neto tá na FASE por uma injustiça.

No meio disso, o avô do primeiro caso começou a contar que sabe como é ser inocente e estar preso. Na ditadura, segundo ele, dois militares chegaram na sua casa e decretaram prisão sem nenhuma justificativa. O levaram para uma base militar e o torturaram para admitir tal crime. Ele contou que ficou três meses sendo torturado de forma constante: choque, afogamentos... No meio da sua narrativa, ele começou a trocar as palavras: ao invés de falar “base”, falava “FASE” = “Na FASE, torturavam bastante gente sem nenhuma explicação; na FASE eu mal me alimentava” – fiquei quieto.

**QUANDO JÁ NÃO É MAIS A PRIMEIRA NEM,
TAMPOUCO, A ÚLTIMA**

Enquanto tento organizar os relatos sobre um tempo passado, uma temporalidade inexata invade estas páginas organizadas em 45 dias, como era o desejo do Grupo quando o livro era apenas uma ideia. Leio, nestes relatos, sobre sirenes, escuto sirenes no tempo presente. Tocam os sinos no centro da cidade. Este livro vai demorar muito mais do que 45 dias para acontecer. O tempo não é linear. As páginas de um livro também não, por mais que venham uma depois da outra.

FILA 18.10.2014

Chegamos e algumas mães já nos deram oi. Alguém perguntou o que estávamos fazendo ali e uma mãe respondeu: “Elas vêm conversar com a gente”. Demorou um pouco para nos ambientarmos, mas logo já estávamos no meio de uma roda de conversa. Duas mães trouxeram as câmeras, mas não tinham terminado as fotos ainda e passaram para outras mães que estavam sem câmera. Outra mãe disse que ia ficar com a câmera ainda porque tinha muito do que tirar foto e, inclusive, tirou uma foto ali mesmo. Passamos as fotos da Yasmin para todo mundo ver. Todos gostaram das fotos dela. Disseram que estão se organizando para juntar roupas para o bebê que ela está esperando. O filho dela foi solto e, por isso, ela não estava lá. Alguém disse: “Coisa boa, ela vai ganhar o filho com o outro já em casa”. Pegamos os números das mães que não vão mais voltar na fila do ICS para devolver as fotos. Pensamos em tentar fazer um encontro com todas elas para devolver as fotos. Teve muita risada nesse dia. Uma mãe disse para irmos ver a Banda do Saldanha, que toca ali na frente. Conversei mais com a Cynara. Estávamos falando sobre como os restaurantes reutilizam comida e ela me disse que sabe como é porque já trabalhou em um hotel em Porto Alegre como auxiliar de cozinha, mas que foi mandada para rua um mês depois de dizer no trabalho que o guri dela estava preso. Disse que já trabalhou de gari e que é bem bom, apesar do que as pessoas falam. Disse que o guri dela fala mal da profissão, mas que ela acha boa. Ganha bem e, às vezes, até traz coisas para casa, que acha na rua. Falou que o ruim é que as pessoas olham de cara feia. Disse que perdeu um emprego na UFRGS para trabalhar na limpeza porque não tem Ensino Fundamental completo. Conversamos sobre como são sempre as mães que vem visitar os gurus. Ela disse que o marido dela vem às vezes, mas que é um dos poucos. Disse que ele não veio desta vez, mas que ela deixou ele bem avisado para fazer uma massa com carne bem pegada porque se não ia dar correria quando ela chegasse em casa. Falamos sobre muita coisa com uma

proximidade diferente das outras vezes que fui na fila. Perguntei se ela queria participar da oficina e ela disse que sim, então passei a câmera que estava comigo para ela e ela disse que vai trazer na próxima semana. Uma fala que me marcou muito, nessa fila, foi quando uma mãe disse que elas sofrem mais que os guris que estão lá dentro (disse isso quando estávamos falando sobre a revista). Nos despedimos das mães com beijo e abraço.

DIA 34

JÁ NOS CONHECIA

FILA DO DIA QUE NÃO CONSIGO LEMBRAR A DATA

Chegamos à fila e nos apresentamos. Uma avó, que já nos conhecia, começou a perguntar às outras pessoas se elas tinham alguma coisa a nos dizer. Logo começou uma conversa coletiva. Algumas pessoas começaram a fazer perguntas mais pontuais sobre a situação do processo. Lembro bem de duas mulheres que contaram a história do filho e do namorado. Eles roubaram um restaurante no centro junto com alguns adultos e foram os únicos pegos pela polícia. A família nem foi chamada ao DECA. Elas descobriram que eles estavam em internação provisória quando a técnica da FASE ligou. Falamos para elas como acontecem as audiências, que eles têm direito à defesa e que elas podem falar com o defensor. Elas agradeceram muito. Disseram que, até o momento, não sabiam de nada disso. Disseram que os guris estão muito mal lá dentro e que esperam que eles saiam logo e se deem conta do que fizeram. Riam e brincavam muito com a situação. A avó que nos apresentou no início falou muito da revista: "Imagina eu, com essa idade, tendo que agachar e mostrar as pelancas! Isso é um absurdo! A gente se sente muito mal e todo mundo tem que passar por isso. Até criança pequena de colo. Por isso que a maioria nem traz". Ficamos até elas subirem e fomos embora.

DIA 35

**REESTRANHAR É UM JEITO DE
CHEIRAR A CHUVA**

FILA 27.06.14

Chuva, chuva, chuva e jogo do brasil hoje
Relações possíveis várias
Ou nenhuma
mas hoje as mãos bem ajuntadas embaixo daquela marquise
– que marquise é palavra mais bonita que galpão –
por motivo de frio e água logo ali fora
e bem ajuntadas sob uma tal nacionalidade
– e não que isso diga de uma cidadania comum –
por motivo financeiro e totalitário, ou melhor: esportivo e patri-
ótico
assim como ajuntadas são em maternidade e criminalização
por motivo de sangue e cor e grana
deixo o carro lá embaixo e vou subindo na chuva; a colega vai
com o carro até lá em cima. Subo pensando naquele acordo um tanto
tácito que ficou de lá dos inícios e não pensamos mais, sobre a chega-
da de carro, marcações de diferenciações de posição ou não e por que
“escondermos” ou por que dos enfins.

Me impressiono de saber que era a primeira
vez na fila da colega também (achava que era
só do colega) e sinto um pouco estranho isso
de estar tanto tempo longe e, ao voltar, ter
comigo dois colegas que nunca foram. E eu me
sentia tão familiarizada com tudo ali que o
que mais estranhei foi exatamente isso, essa
familiaridade. Não gosto disso, não gosto dela.
Gostaria de reestranhar as coisas. E é isso
também nossa escolha do ICS, da provisoriedade,
da dúvida, da instabilidade e esse novo,

que é para as mães e que é para nós. E se o estranhamento fica familiar, e que o fique seja o que é estranho, bom, é uma boa rasteira nas posições que tomamos.

Acho que o texto tá confuso

Com esses posicionamentos em confusão que hoje foi, acho que as palavras tomariam seus lugares assim, lugares confusos também os delas.

Conversamos, primeiro, um pouco entre nós três, sobre como as coisas costumam se dar por ali – a nossa abordagem, os fluxos, os tempos... Quando estávamos indo falar com um grupo de mães, antes que nos aproximássemos, uma delas nos chamou, achando que eu era alguma das meninas que foi lá sábado passado, perguntando se tinha sido eu mesma quem tinha telefonado para ela. Aí tentamos pensar juntxs quem poderia ter sido.

Comecei a falar com algumas mães que estavam ali do lado e os colegas engataram conversa com Liri. Aí eu fui andando por ali, trocando olhares, olhando e cheirando a chuva, distribuindo o panfleto e uma oferta de prosa... Muita gente já tinha o panfleto, já sabia o que é o Fila e já conversou com alguma das pessoas que fazem parte. Isso de estarmos indo toda semana muda bastante a dinâmica das coisas (antes, quando eu ia, íamos quinzenalmente).

FILA 21.06.2014

Antes de descermos do carro, a colega fala que viu uma mãe de um adolescente do PPSC ali, se chama Perpétua. Nos aproximamos das mães na tentativa de fazer uma única apresentação para todas, mas elas estão em alguns grupinhos não muito próximos. A colega começa, alguém interrompe, perguntando o que fazemos. As colegas se deslocam até ela enquanto eu me dirijo ao grupo de mães que está na minha frente. Uma delas logo me interpela: “você são lá da UFRGS, né? Eu conheço uma guria de lá que ajudou um outro adolescente”... pergunto o nome dela: “Perpétua”. Logo achei que era, justamente, a mãe de quem a colega tinha falado, mas depois vi que não, essa era outra Perpétua e logo entendi que as meninas da UFRGS que ela conhecia eram do G10.

“Eu perguntei se elas não podiam ser advogadas do meu filho, mas elas explicaram que ele não era do Partenon nem da Lomba do Pinheiro”, ela disse. Entre umas explicações minhas – sobre o SAJU, o G10 (que pega casos de outros bairros) e o PPSC (onde os adolescentes que cumprem medida socioeducativa de PSC são moradores dos bairros Lomba do Pinheiro e Partenon) – e umas falas dela sobre as advogadas, imaginei que era um adolescente que já havia passado pelo PPSC e, por isso, o G10 pegou o caso. Ela só tinha me falado no apelido do adolescente que foi assessorado pelo G10, até que chegou uma menina para a qual ela perguntou o nome dele. A guria me olhou de cima a baixo, parecia desconfiada, esperou um tempo e respondeu: “Fernando”. Nisso a Perpétua completou: “Fernando Carvalho”. “Sim, sei quem é ele”, eu disse. Perpétua falou: “as advogadas são umas queridas, elas nos escutam a gente falar mesmo...como é o nome daquela guria”. Comecei a descrever e falei o nome da colega e ela confirmou que era mesmo ela...

Perpétua começa, então, me falando de seu filho, que está no ICS naquele momento, diz que está esperando para saber se ele vai para

outra casa de internação, que isso seria bom. Conta que outro adolescente que conhece está no POA I ou POA II e que ele está super bem lá, tem curso e ganha 400 reais por mês (pelo CIEE). Resolvi entrar nessa questão com ela: “por que para conseguir isso só estando preso?”. Ela falou da realidade de quem vive na periferia, do sonho de consumo dos adolescentes, de como se fabricam esses sonhos, dos cruzamentos dessa vida com as regras de quem vive outra vida.

Meu filho queria um tênis de mil reais, isso eu não tenho como dar para ele. E por que será que ele quer isso? Não é da cabeça dele. Tentei arranjar trabalho para ele, mas não consegui em lugar nenhum. Sim, ele fez uma vez um curso lá de administração no...como é mesmo? Isso, Calábria⁸. Não, ele não completou, disse que não gostava. É que não adianta também botar uma coisa goela abaixo pros adolescentes, tem que ver o que ele gosta, o que ele quer. Eu acho que deveriam fazer uma pesquisa para saber o que o adolescente quer, o adolescente de periferia, né! Tipo aquelas que o IBGE faz, daí o governo tem que olhar essa pesquisa para ver o que pode fazer. ... de que bairro eu sou? Lá da Restinga, que é Território da Paz, né, mas que de paz não tem nada, tem é morte todo dia. Tem policial, mas de que adianta? Outro dia, mataram dois lá no condomínio, um menino de dez anos... quem matou? Os grandes. [...] Sim, é importante falar mesmo...eu também falo tudo isso porque participei de outros grupos...um de mulheres negras, que não existe mais, mas sempre me chamam para ir nas reuniões do CRAS, eu vou.

Fui então até uma outra mãe que, enquanto eu conversava com Perpétua, fez um sinal pra mim e disse: “quero falar contigo depois”. Quando cheguei perto dela, a primeira coisa que ela disse foi: “Vocês vão na casa das pessoas para conversar? Tu vai na minha casa?”. Perguntei, então, sobre o que ela gostaria de conversar (depois de perguntar pelo nome dela: Glória) e ela começou a me contar sobre a situação do filho, que ia ter a próxima audiência na segunda-feira e ela queria que eu ajudasse. Me deu o nome da defensora para eu falar com ela, começou a pegar uns papéis na bolsa, estava visivelmente nervosa. Perguntei se ela já havia falado com a defensora e que talvez, antes da audiência, ela podia tentar falar, entregar o atestado de matrícu-

8 Cursos profissionalizantes da instituição de ensino Calábria.

la dele na escola, que eu não podia ajudar falando com a defensora. Ela queria saber se ele tinha chances de sair: "Anota o nome dele, daí vocês olham pra mim". Falei que, com o número do processo, eu poderia passar para o pessoal do SAJU olhar, mas que, se a audiência era segunda, provavelmente, agora o melhor era ela mesma tentar falar com a defensora antes. Glória começou a procurar na bolsa o número do processo, foi abrindo vários papéis dobrados, todos dentro de uma bolsinha, até que ela achou uma folha com o número e então eu anotei. Mas senti que havia algo mais, que aquele nervosismo que aparentava fragilidade, estava me pedindo outra coisa que não havia sido enunciada. Perguntei, então, se ela estava precisando de algum outro tipo de ajuda. Ela me olhou estranhamente: "Como assim?". Cuidando para que ela não se ofendesse, falei que por ela ter perguntado se eu ia na casa dela, fiquei imaginando que ela poderia ir em algum serviço perto de casa, que poderia ajudar também a orientar sobre o processo do filho. "Posso te dar meus telefones pra tu me ligar?". Depois que anotei os números, Glória disse: "Tem mais coisa sim, mas não pode ser aqui". Ela foi se afastando e nos despedimos.

Fiquei fora do ar por uns instantes...comecei a subir até o portão onde estavam as colegas conversando com outras mães. Tentei me integrar, mas não estava escutando o que elas falavam ali. Olhei para outro grupo de mães, reconheci uma delas, que estava na fila do dia das mães. Talvez ela tenha me visto, mas não fez nenhum sinal. Também não consegui me aproximar. Me afastei e comecei a escrever algumas coisas num pedaço de papel. Senti que era a minha hora de ir embora, avisei para as gurias que estava saindo e fui. Voltando sozinha e antes das 13h30min, me senti bem, entendi que meu tempo tinha chegado ao fim mais cedo naquele sábado, que, naquele dia, aquelas duas conversas preencheram meu tempo-espaço, que não havia mais lugar em mim para outra escuta. Me senti bem por lembrar que não estamos falando do tempo do relógio, o tempo da escuta na fila é o tempo subjetivo. Para

poder narrar depois tudo isso, para que novos telefonemas fossem feitos e para dar abertura para que surjam novas histórias, era preciso ir embora.

FILA 29.09.2012

Nos apresentamos e nos colocamos à disposição para tirar dúvidas jurídicas e dividir o momento de espera e de aflição que é o de estar do outro lado. Logo uma mãe, chamada Jade, me procurou para tirar uma dúvida. Disse que o filho, Marlon, está no ICS há mais de 45 dias (no início não conseguia contar os dias, depois com a minha ajuda e da colega, ela se orientou). Ela diz que não sabe o que vai acontecer com ele e que isso a deixa aborrecida.

Ela conta então que o filho e um amigo foram envolvidos num homicídio. Disse que o amigo confessou o crime e que, com isso, foi para internação já na primeira audiência. Ela conta que a família da vítima quer, a todo custo, prender Marlon também. Ela diz que o filho não confessa, pois diz não ter matado ninguém. Ela demonstra estar precisando dividir a dúvida com alguém, ao que nós a orientamos a ir na Defensoria Pública para pedir uma cópia do processo e falar com um defensor que explique a situação jurídica do Marlon. Asseguramos que ele tem direito (imediatamente) de um *habeas corpus* e que não pode ficar em internação provisória por mais de 45 dias. Ela parece ficar mais aliviada na medida em que vamos falando.

Dou abertura para que falemos dessa sensação de espera e de indecisão e ela aproveita as brechas para desabafar. Ao fim da conversa, ela põe as mãos em meu ombro e agradece por ter podido falar. Diz: “Foi muito bom falar contigo, brigada”. No restante da manhã, fico rondando o espaço que parece mais esvaziado a cada vez que vamos ao ICS.

DIA 38

JORRO

EIS AQUI QUE NESSE VERÃO PORTO-ALEGRENSE,
DEPOIS DE IDAS E VIDAS E NO MEIO DO
CAMINHO, REAPARECE UM JORRO.

FILA 20.06.2015

Cheguei sozinha, dei um oi e um oi recebi de volta. A repetida Rosa sentada num círculo de mulheres de onde se ouvia o que se ouve: meu guri, violência policial, 45 dias, caiu por porte ilegal, grandões do tráfico. Tudo que aquele grupo não precisava era da minha escuta, elas já tinham as suas falas e pareciam se ouvir nas falas das outras. Sentei perto de mulheres silenciosas, com medo de elas verem o stencil e acharem que eu estava lá pra doutrinar.

Uma mulher de cabelos longos (que ela parecia prezar muito porque “tava sempre mexendo com ele pra lá e pra cá”) falava forte, meio que com a amiga/companheira/irmã/“colega de brete” Léia, meio que sozinha. A Léia não dava muita bola, parecia estar já ocupada com a própria angústia. A mãe-dos-cabelos me viu vendo e veio vindo. Viu em mim uma interlocutora e falou para mim. Contou, daquele jeito cronologicamente desordenado que eu li em tantos relatos, como os policiais entraram na casa dela (de dois pisos), depois de ela ter recém terminado a faxina e cozinhado para crianças e adolescentes da família. O Ricardo dormia com dois sobrinhos pequenos. Eles reviraram tudo, embarraram tudo. Sem mandado. Acharam um dinheiro que ela guardava para pagar as contas: “Sim, tem cartão disso, cartão daquilo, tem que pagar, né”. Era setecentos da pensão do ex-marido, duzentos do que sobrou dos salários dela e da filha que ela bradava somarem três mil reais. “Que dinheiro é esse?”. Como ‘que dinheiro é esse’?! Minha vontade era responder ‘é do tráfico, sou traficante’. Eu trabalho para ganhar aquele dinheiro! Saio de casa de manhã cedo e só chego à meia-noite. O pessoal da rua nem me vê.” O Roberto dormia e os policiais perguntaram por ele, ela disse que foi muito educada

(educada demais) e perguntou se queriam que ela o acordasse. Entrou todo mundo no quarto, o guri desnordeado tendo que responder pergunta. “Ele não trabalha, não estuda. Daí caiu, né.”

Disseram que tinha droga, sim, tinha arma, sim. “Aí perguntaram se ele tinha antecedente e ele respondeu que ‘tava respondendo por um porte’ e eles disseram bem assim: ‘Algema que esse aí é vagabundo’, exatamente assim.”

A força daquela mulher. O que era a força daquela mulher? E entendo que não é motivo de congratulação. Não é “parabéns pela força”, é ser forte ou sucumbir e ser engolida. Não é como se ela tivesse opção entre o caminho fácil e o “nobre”, é força ou nada. O caminho difícil é o único caminho.

Minha colega sugeriu o assunto do momento. A mãe-dos-cabelos era orgulhosamente a favor da redução da maioria penal. Explicou porquê com a hipótese de um estupro, uma agressão a uma filha. “Não quero ver ele aqui. Não vou esperar o julgamento. Vou atrás dele e mato com as minhas próprias mãos. Ele vai pagar.”. Ela não queria saber do Estado se metendo ainda mais entre ela e o abuso que as dela sofrem. Ela queria retribuição, vingança pelo mal que a família dela poderia sofrer.

Ouvindo sobre estupro, a mãe sentada do meu lado contou uma história que vem me assombrando a cada noite. Ela é profe numa creche. Tem muito orgulho, amor e satisfação no que faz. Disse que ninguém é tão feliz no trabalho como ela com as suas crianças. Falou sobre o amor que nutre por filhos e filhas que não são dela e o carinho com que trata todas as crianças. Era Amarílis o nome dela.

Ela gosta é de trabalhar com bebês. Ano passado, começou a notar que uma de suas graças da creche ‘tava com um corrimento anormal pela vagina. A vulva vermelha, irritada. Chorava muito sempre que a fralda era trocada. Ela tinha cinco meses. Cinco meses.

Me surpreendeu o dilema dela frente a esse pavor. Ela queria falar da suspeita dela para sua superiora, mas tinha medo de que, se no fim das coisas não fosse nada do que pensava, fosse repreendida por um “falso testemunho”. Pensando agora, acho que ela pode ter tido medo da demissão de um trabalho que tanto ama e que parece fazer tão bem. Ela engoliu o medo e falou sobre a situação. A diretora da cre-

che levou a sério e acionou uma investigação [mulheres em posição de poder dão nisso]. Era o padrasto. Cinco meses.

A Fisális falou sobre o seu trabalho. Todo aquele amor, carinho e dedicação me puxaram as lágrimas. Não sei por que achei inapropriado chorar na frente dela. Pensei em outras coisas para esconder minha emoção. Não pode chorar na frente das mães? Quis chorar antes, quando ela contou do abuso da nenê. Quis chorar depois, quando ela falava sobre as suas crianças, sobre a sua família... Me segurei todas as vezes. Pode chorar na frente das mães?

Em algum momento, nossos olhos se encheram de lágrimas juntos, mas nenhuma deixou escorrer. Tudo muito civilizado. Infelizmente.

A ficha dela era a 6; tinha chegado bem cedo.

Depois que nos despedimos, fiquei meio aérea e meio escutando a conversa da colega com a mãe-dos-cabelos e com a Léia. "Amigo que é amigo não leva junto. Faz errado, mas não chama ninguém junto. Quando eu morava em São Borja, minha melhor amiga – melhor amiga! – morava em cabaré. E ela me dizia "Não vem pr'essa vida. Fica longe dessa vida. Eu apanho, eu tenho que pagar pra esse e pra'quele."

Finalmente entendi o que as outras meninas querem dizer quando contam que, de tempos em tempos, não conseguem ir pra fila. Como se volta? Por que se volta? Talvez porque não seja justo ["justo"?] aquelas mulheres carregarem as suas dores sozinhas. Talvez porque se eu for sofrer junto, elas sofram menos. Não é o que dizem? Que, compartilhado, sofrimento se divide e felicidade se multiplica?

Não sei se é assim que funciona. Não sei. Mas, ontem, sonhei com o estupro de um bebê.

Carregar guarda-chuvas no estômago
e ouvir infiltrações
ainda que estejam todos quebrados
Juntas somos fortes



DIA 39

PARA A SOBRINHA ESTUPRADA PELO ADOLESCENTE COM CUJO PAI CONVERSEI HOJE

FILA 03.10.2015

Cheguei hoje com muita vontade de estar ali, estar logo. Não sei se por ter ido pedalando (primeira vez)... acho que sim. Cheguei e esperei a colega ansiosa. Fui no posto ao lado da entrada da FASE, usei o banheiro... fazendo xixi (momento muito fecundo para pensamentos), pensei que nunca usei o banheiro da fila. Nunca entrei naquele banheiro mais que meus olhos do lado de fora da porta; tampouco sinto que já tenha querido *não entrar*, é mais como se, simplesmente, nunca tenha tido vontade de fazer xixi enquanto estava ali na fila e, portanto, nunca entrei ali... mas nunca é tão simples. Alguém do Fila já fez xixi ali? (respondam).

Pensei também no espaço “exclusivo” que o banheiro – feminino – é. Ali só há mulheres e há um *ethos* do privado/íntimo muito interessante (cês não acham?), de momentos/fazeres que toda vida aprendemos que não podem ser feitos com alguém não-mulher junto, como estar sem roupas, avaliações no espelho, fazer as “higienes” e se montar – ou, nesse caso, desmontar, tirando as roupas justas, coloridas, os balangandã, mas usando a maquiagem como recurso de uma feminilidade e afirmação de como são e como querem estar e ser vistas em meio às imposições de roupas largas para apagamentos de linhas e marcas corporais, justificadas pelo descontrole hormonal e comportamental dos meninos adolescentes no seu instinto natural de quererem comer mulheres que estejam ali existindo, digo, oferecendo-se.

Bueno, escrevo tudo isso pensando nesse espaço do banheiro, refletindo aqui que talvez eu “nunca tenha tido vontade de fazer xixi” ali porque, provavelmente, me sentiria intrusa naquela espaço que é por excelência exclusivo, um espaço em que as mulheres se sentem à vontade entre iguais, mas acontece que não me sinto igual, estou ali vestida como eu bem quiser e não preciso utilizar aquele espaço

para trocar de roupa porque, além de tudo que vivenciamos cotidianamente, ainda há toda uma instituição afirmando que sou um pedaço de carne com boceta e tenho que me disfarçar para não ser devorada.

Fiz xixi no posto esperando a colega, que logo chegou, subimos.

Não havia muitas mães, então optamos por apresentarmos nós e o Coletivo em voz alta naquele ponto específico que todas sabemos que dá para ver e para ser vista pelos dois lados do galpão. Gostaria de conversar sobre isso com o Coletivo, pensarmos juntas um pouco melhor a dinâmica, acho que atropelamos um pouco os tempos de apresentação e reconhecimentos hoje. Mas duas coisas bem interessantes, nesse sentido, aconteceram: duas avós pediram para ficar com o papelzinho com trecho de relato que tinham pego, queriam levar para casa. Me disseram que iam escrever ali atrás, naquele papelzinho mesmo, e que sábado que vem iriam nos trazer. E também uma mãe, que estava com outro filho ali na fila, bastante tempo depois que tínhamos falado das escritas, dos papéis, veio me perguntar se ainda tinha, porque o filho dela queria escrever. Entreguei pra ela, que passou ao filho, que escreveu um monnnntããããoooo de coisa (e eu ali perto curiosa), dobrou váááárias vezes (e eu ali perto muito curiosa!) eeeeeeeee... entregou para sua mãe, que pegou e guardou no bolso (!). Eu esperei um pouco, conversei uma coisinha ali com uma mãe e fui lá falar com ele, perguntar se ele tinha escrito algo pensando no relato que leu... ele respondeu que só escreveu uma coisa para sua mãe mesmo. Hihi. Eu ri, ele riu comigo, eu saí.

Conversei um pouco com as avós que mencionei aí em cima. Elas me falaram sobre como é difícil o jeito que as coisas estão hoje, que seus netos estarem aí é uma espécie de alívio... "cada dia a mais que ele fica aqui, é um dia a mais que eu sei que tenho ele". Isso me pega muito forte. Aqui é um lugar terrível, sabemos, condenamos, combatemos. Mas escutar uma mãe ou uma avó nos falando que não é fácil falar isso, mas que aqui é melhor, sim... Uma delas está acompanhada da namorada de seu neto e as duas estão planejando que, quando ele sair dali, ele vai com a namorada morar com o pai em Natal. A menina falou que isso é começar do zero, que ele tem que zerar a vida. E eu perguntei para ela em relação a vida dela, que seria começada de novo também, ela disse que lá é melhor, é mais fácil, que tá acabando o Ensino Médio agora, que vai se preparar e ir viver e trabalhar lá.

Achei coragem e sei que não sei nada dessas vidas, mas o coração aperta vendo as mina largar tudo pra apoiar os cara aí. Mas essas coisas, né. É uma escolha dela, que falava super decidida, também não quero com esse meu olhar supostamente “feministaprotetor” – potencialmente tutelar – tirar qualquer autonomia do desejo de vida.

Depois, me chamou um pai perguntando se talvez a última audiência pudesse ser em Porto Alegre. Respondi que não, ele me devolveu o folheto, dizendo que obrigado, mas que então não seria muito útil. Falou que o que aconteceu com seu filho é muito sério... me perguntou se eu queria ouvir. Então me chamou prum lado, onde outras pessoas pudessem escutar. Pediu que eu esperasse, foi comprar um café naquele carro. Voltou e disse que seu filho tinha estuprado sua neta, sobrinha daquele filho.

Ele criou sozinho os dois filhos. Falou um pouco sobre a relação com a mãe deles, que foi visitar o filho, enquanto ele estava no IPC, e comentou a situação com outra mãe, que comentou com seu filho, que comentou com alguns guris na unidade e o filho em questão foi espancado e transferido para o ICS, onde estão tentando manter sigilo sobre isso... O pai tinha olheiras fundas, eu recebia aquele relato, pensava na menina estuprada pelo filho daquele homem que falava comigo tomando café, reparava nos seus dedos da mão, esbranquiçadas por algum pó, parecia, como pó de cimento ou massa corrida ou gesso, parece bastante, aquele branco como sujeira contrastando com o café escuro e quente, eu percebia o jeito com que ele movia o lábio para receber o café com cuidado e reparava seu dente canino deslocado do arco dentário e projetado para fora, reparava as rugas em volta do seus olhos, reparava nos muitos cravos em sua frente. Talvez procurasse algum sinal, algum mínimo sinal, de que emoção, o que sentir, o que falar, o que fazer naquela conversa com minhas palavras, minha boca, meus dentes, minhas mãos, meus olhos, meus cravos. Ele falou de um dia em que os três juntos assistiam TV. Ele pegou no sono e acordou com o mais velho “tentando abusar” do mais novo, ao que ele respondeu com uns tabefes porque “comigo é assim, tem que educar, né”. “E aí, pronto, nunca mais”, mas o mais velho já foi detido uma vez por abusar de uma menina por aí. Mas (de novo) nunca mais. “Ele é namoradeiro, já está na quarta mulher, aí agora com essa tem a filha e tudo”. Filha essa que quando completou oito anos, o pai me falou

sobre vingança ao irmão que tentou abusar, foi estuprada pelo tio. Ele falava com certa gravidade, mas que me parecia tão pequena e com leveza e simplicidade também, como se contasse algum caso de um dia qualquer, enquanto, para mim, não havia nenhuma simplicidade possível e tentava prestar atenção em meus ouvidos e seus olhos, seus cravos, seus olhos, sua mão com poeira branca. Perguntei sobre a situação dele ali dentro, se ninguém está sabendo, se ele está seguro, desse modo bizarro de estar seguro ali – me lembrando também do que as avós com quem conversei antes disseram... Ele disse que sim e eu perguntei por sua neta, como ela estava... “Ah, ela tá ótima, indo na escola, vai sempre lá em casa, que é perto da escola dela, uns 600 metros, eu faço um café pra ela às vezes, ela fica um pouco lá comigo”.

Falou que ia deixar comigo seu telefone, caso a gente pudesse pegar o caso do filho dele. Aí eu expliquei um pouco melhor o que é o Fila e falamos um pouco sobre a Defensoria Pública... Depois dessa conversa, que para mim durou horas e horas, me agradeceu e se ofereceu a me pagar um café, dizendo que era tudo que podia oferecer. Agradei e reparei o quanto o meu “não, obrigada, tô bem” era simples, quase automático e completamente absurdo.

Eu não tava bem.

Aí fui saindo, me aproximei da colega, que conversava com uma avó com quem eu tinha falado antes, mas não quis chegar me intrometendo, e também queria um pouco de silêncio (?). Mas a fila é repleta de ruído... fiquei tentando sintonizar o meu ruído com aquele que eu ouvia em volta e, às vezes, passava um bem-te-vi ou um pardal assoviando alto.

Sentei e escorei a cabeça um pouco, quando vi chegar uma irmã e uma mãe com quem tinha conversado na última vez que tinha ido à fila (faz um tempo). Elas acham que hoje pode ser o último dia do guri ali porque, embora já tendo saído a sentença de “pagar lá fora”, a advogada explicou que o juiz decidiu que ele deveria esperar mais um mês ali (!!). E elas me falaram, como já tinham falado em outro sábado, de como isso é comum, o filho da Fulana e da Fulana também tão lá esperando, um há dois meses, outro já fechando três... E enfatizavam bastante o bom comportamento do guri delas, que é bem diferente, que não é como os outros, que é outra coisa do que esses outros que

estão ali... errou uma vez mas não é assim. Mas aí começamos a falar sobre essas coisas que estavam sendo faladas como "mau-comportamento", mas o que era a revolta, a insubmissão, as estripulias dos guris naquele espaço? Ficamos pensando juntas nas condições que eles estão e de como são tratados pelxs monitorxs. Daí engatamos na situação do Presídio Central (elas contaram que teve uma palestra no ICS sobre o Central, narrando para os guris o perfeito inferno. Falaram que mostraram imagens até de um corpo esquartejado numa lixeira) e entramos na discussão da redução. Foi uma conversa bem interessante, trocamos várias ideias e vivências desses lugares diferentes que vivemos. Falei do projeto do livro, perguntei se elas tinham vontade de escrever alguma coisa. Elas acharam muito legal, disseram que era muito importante mesmo e que é bom que as mães também possam escrever... mas disseram que elas, pessoalmente, não tinham nada.

Começaram a chamar as senhas, começou o alvoroço, elas começaram a subir. "Tchau, gente, boa visita..."

Resposta ao relato

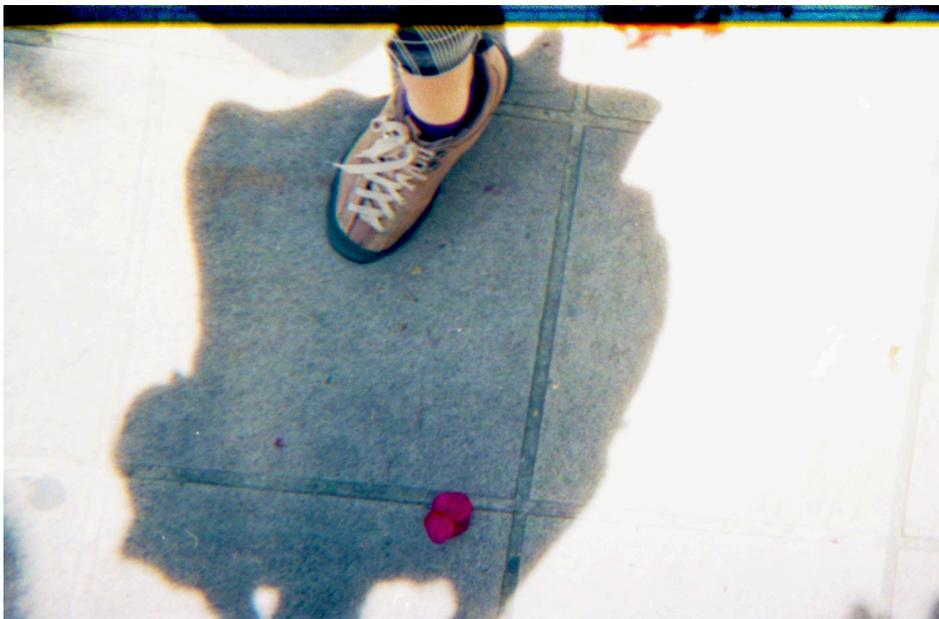
Muito tempo depois, mas bem, os tempos de ler os relatos têm sido outros para mim já faz um tempo. Às vezes dói no corpo a leitura. Ultimamente, tem doído menos, mas ainda dói a lembrança de tantas dores de estômago que senti na fila, tantas quedas de pressão, meu corpo me dizendo que não consigo mais voltar, mas espero que isso passe, que me volte a força da escuta para poder me reconectar com a força dessas vidas. Já fui, muitas vezes, naquele banheiro. Meu corpo sempre pede a entrada nesse lugar. Já fotografei o banheiro algumas vezes. A primeira vez que entrei, senti que elas me olhavam com espanto, mas, nas outras, foi normal, conversamos sobre a falta de limpeza e sobre como são elas que trazem o papel e se trocam. "É um abuso aquele banheiro", ouvi diversas vezes. Muitas vezes, senti que a escuta ia além dos limites

do corpo, que não suportaria mais uma palavra e que tudo transbordaria e meu olho enche de água quando escrevo isso e talvez por isso todos os desenhos que faço escorram. A violência não é no nosso corpo, mas o nosso corpo dói também, o nosso corpo e o corpo social porque nós somos os outros e os outros somos nós, compartilhamos existências (existências+distâncias), vivemos um corpo social em lugares diferentes e acho que agora preciso me permitir viver essa dor, acho que a gente tem que se permitir viver essa dor que é e não é nossa.

Em 2012, começamos a pensar sobre trabalhar com a fotografia. Esse desejo passou pelo tempo da construção coletiva e, após muitas reflexões e transformações no fazer e no relacionar-se na fila, iniciamos a oficina com câmeras descartáveis em setembro de 2014. As câmeras foram entregues às mães com a proposta de pensarmos em conjunto os percursos que nos levavam até a fila e também as conexões que aquele momento tinha com outros lugares das nossas vidas. Elas levaram as câmeras para suas casas e trouxeram de volta para a fila nas semanas subsequentes, trocaram entre si e devolveram ao grupo. Assim também o fizemos.

Ainda com a atividade em andamento, foi possível notar as reverberações da fotografia na fila. As relações tornaram-se mais próximas e afetivas. O movimento de obturadores abriu sorrisos nesse espaço que era bastante habitado pelo silêncio e pela ansiedade. Abriu-se um canal entre a fila e os transcurtos que nos levavam até lá. A câmera tornou-se barco para a travessia.

Por motivos que só o tempo explica, não chegamos a conversar sobre a oficina de fotografia de maneira mais profunda no grupo, uma série de acontecimentos impossibilitou esse momento de pausa. Duas câmeras restaram com os filmes inacabados. Apenas três anos depois, os filmes foram revelados.

















Sem título, Gildásio Jardim Barbosa

Fonte: Arquivo Coletivo Fila, imagem que levávamos à fila na oficina sobre violência policial, 2012.

“A justiça é podre, eu sou promotor e sei disso” – ela contando o que o promotor disse.

Em 2011, uns brigadianos entraram na casa dela e apontaram uma arma para ela e para o filho dela (que, na época, tinha 10 anos). Depois disso, ela entrou com um processo onde aponta o nome de 18 brigadianos. Agora, sobre essa acusação do filho que está no ICS, disse que tem um abaixo assinado para mostrar a inocência do filho, que foi acusado de roubo. São dois processos que se juntaram pela proximidade da data (em um, ela diz que o filho não participou, no outro, sim). No que ele é inocente ela conta que as coisas que ele teria roubado já foram devolvidas para as pessoas da comunidade (na verdade foram vendidas pelos brigadianos!!) enquanto o guri estava no ICS. Os quatro policiais que pegaram ele não estavam fardados e não estão mais na ativa.

Ela foi perguntando do nosso trabalho e expliquei um pouco, falei dos outros programas do PIPA e ela queria muito saber se não podia ser ajudada, perguntou se, no PPSC, era só Partenon e Lomba mesmo? Ela é de Sarandi, está super articulada com outros serviços e tem a quem recorrer. Já foi na ouvidoria e na corregedoria, em função do processo de denúncia dos policiais, e quem está ajudando ela nisso é uma advogada do CREAS da região dela, que ela diz que é uma advogada muito boa.

Ela perguntou se eu era estagiária de direito e eu disse que era psicóloga, então ela emendou em algum momento: “Preciso de uma psicóloga, quando saio daqui desabo [...] não tô conseguindo trabalhar direito, perdi 6.000 cópias que foram engolidas pela máquina, posso perder meu emprego” (trabalha numa gráfica e nos correios).

“O agente aqui da casa fala que eu tenho que ser forte, não chorar na frente do meu filho... meu filho falou que não quer que eu sofra,

eu digo que não tô sofrendo... e não chorei na frente do juiz, eu não tenho medo daqueles policiais.”.

Perguntei se ela já tinha conversado com alguma psicóloga do CREAS e ela disse que não, mas que acha que seria bom. Disse para ela ir lá, então, e pedir um acompanhamento. Além disso, o PPCAAM também foi acionado. Ela disse que eles pediram para o filho dela não ir pra vila até a audiência dele, “eu fiz besteira, eu que falei pra ele sair... e aí que aconteceu? o outro roubo, mas eu não aguentava mais ver ele lá, que vida é essa sem poder sair. No colégio ele também sofria ameaças...”. Foi tanta coisa... mas, enfim, conversamos por mais de uma hora eu acho e ela só foi embora porque todos os outros já estavam na fila há uns 10 minutos.

RETORNO OU ISSO QUE É DIFÍCIL DE NOMEAR

sobre o retorno para as mães, acho extremamente importante dar logo esse retorno... eu tenho percebido isso cada vez mais e tenho ligado em seguida quando vejo que a mãe está muito nervosa, fragilizada e quer um apoio que pode não vir da informação que vamos dar, mas da nossa voz no telefone.

por que é difícil ligar para as mães?
ouvir a vida do outro lado...do telefone, da cidade...
ficar, depois, "mal" ou culpar-se por não ficar mal

sentir-se estrangeiro, na fila, depois dela,
...no país delas

mas também ligar e ouvir outras coisas da vida
"podes falar agora?"
"bah é que agora tu me pegou aqui dentro da loja, tô num brechó comprando umas coisas pra mim" – Solandra.

essa mãe disse que fala mesmo, até já apareceu numa gravação da TVCOM, quando participava da "Casa de apoio Viva Maria" – deus levou ele por morte matada, não natural... tratam tudo como se fosse de maior, pra mim chega! eles erram, mas não é pelas mães ...muito obrigada pela atenção...queria agradecer o trabalho de vocês.

Lu – levou 12 tiros – Deus colocou a mão e ele não levou nenhum órgão vital

fiquei bastante tempo no telefone com cada uma

Fisális - telefone: "Tinha muita gente lá...foi homicídio... conversa lá em casa" - ela queria que eu fosse até a casa dela, perguntou se eu não fazia isso, vi que estava nervosa, falou da audiência do filho dia 01.07 - perguntou se eu ia na fila nesse próximo sábado - agradeceu muito pelo nosso trabalho.

Saindo da reunião ...falamos de como a Nandina e a Dália agradeceram nosso trabalho... de não saber nomear, de que sabem que não seremos nós que colocaremos os brigadianos atrás das grades, como fala a Nandina, que nós não iremos fazer um atendimento psicológico (pelo menos não a quatro paredes), mas, mesmo assim, sabem que "isso", que é difícil nomear, é importante para elas.

Ouvir... sensacional... horrível..... coletivo fila...coletivizar

Talvez a inquietude e a sensação do que fazer tenha como “resposta” o fato de que a fila já não é feita do silêncio de quem a forma, pois as forças que transitam por ela estão no olhar e na escuta de vocês, estão aqui, estão em oficinas de DH, estão produzindo visões e audições que movimentam a solidão da fila.

FILA NO TEMPO DOS AFETOS

Chegamos na fila e vimos que tinham poucas famílias tanto na entrada principal, quanto na parte reservada aos familiares. Olhei para minha colega e disse: “Tanto eu, quanto tu já viemos pra cá diversas vezes, mas parece que sempre é a primeira vez. Parece que sempre chegamos com aquela dúvida de como começar falando, com quem e se a conversa terá retorno”. Falei com duas mães, que tinham dúvidas jurídicas simples, enquanto a colega falava com outros familiares. Depois disso, fomos para a entrada principal falar com três mães que estavam interagindo já antes.

Foi incrível o modo como essas mães conseguiram expor todo o problema da violência policial pra nós. Me lembrou muito o artigo que parte do nosso grupo fez, usando como referência um artigo do Foucault que dizia que as massas sabem falar por si só, sem precisarem de um intelectual - mas no caso da lógica acadêmica, ainda temos que escrever com um intelectual para legitimar a legitimação das vozes. Armadilhas das estruturações das instituições... Aquelas mães não precisam de ninguém para compreenderem todo o problema da repressão seletiva da nossa sociedade. É a sua própria vida. Nós que aprendemos com elas, e temos lugares sociais de privilégio de “análise do fenômeno”

lugares
sempre
sem
lugar
a
cada
ida
a cada troca
palavra
olhar

incômodo
silêncio
questionamento
presença

Uma mãe chegou a dizer “eu sei que não é apenas questão de classe social. É questão de poder”. Compararam esses problemas com os protestos desse ano (2013), reclamaram das invasões dos policiais nas residências e relacionaram a violência dos traficantes à violência policial (“o modo como eles agem gera ainda mais violência, porque, por exemplo: se eles matam uma pessoa inocente, os familiares dessa pessoa vão querer vingança e vão matar policiais. Daí vai gerando cada vez mais violência”).

Elas sabem mais do que ninguém analisar esse problema.

e s c u t e m o s

Profanar a cripta

Desejo- morte

Conhecer o passado

Desejo-vida

Desejo-fruto

O que morre apodrece e brota

Margem

Mar

Memória - Passado

Tempo

movimentos

Presente

(des)caminhos - deslocamento

Deslocar-se

Nascimento como mergulho

Grito

Percurso do rio que corre nas margens

Na fila renasci

rascunhos

cavar no deserto

desterro

Coletivo Fila

Deslocar para lembrar

Sublevações

Gestos

Insurgência

Rascunhos

Irrigações da travessia

Memória recente

Terceira margem

lembrar aproxima

Terceiro rio

Transição

Câmera como barco para a travessia do percurso

Livrar é tornar livro

LISTA DE ABREVIATURAS

AMAR Associação de Mães e Amigos de Crianças e Adolescentes em Risco

CASE PC ou IPC Centro de Atendimento Socioeducativo Padre Cacique

CIEE Centro de Integração Empresa-Escola

CRAS Centro de Referência de Assistência Social

CREAS Centros de Referência Especializado de Assistência Social

CRDH Centro de Referência em Direitos Humanos da Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul

DECA Departamento Estadual da Criança e do Adolescente

DPE Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul

FASE Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul

G10 Grupo de assessoria à Juventude Criminalizada, integrante do Serviço de Assessoria Jurídica Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

HC Habeas Corpus

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e
Estatística

ICPAE Internação com possibilidade de
atividade externa

CIPCS ABREVIADO POR ICS Centro de Internação
Provisória Carlos Santos

ISPAE Internação sem possibilidade de
atividade externa

PPCAAM Programa de Proteção a Crianças e
Adolescentes Ameaçados de Morte

PPSC Programa de Prestação de Serviço à Comunidade
vinculado à Faculdade de Educação na UFRGS

PSC Medida socioeducativa de prestação de
serviço à comunidade

SAJU Serviço de Assessoria Jurídica
Universitária na UFRGS

UFRGS Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agradecimento

Aos encontros e criações possibilitados
pelo ensino público

ESTE LIVRO FOI IMPRESSO EM PAPÉIS
PÓLEN BOLD E COUCHE
NA GRÁFICA IDEOGRAF

PORTO ALEGRE, 2020



APOIO



REALIZAÇÃO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



